

JULIO DA SILVEIRA LOBO

Apontamentos

Para a Historia

DO

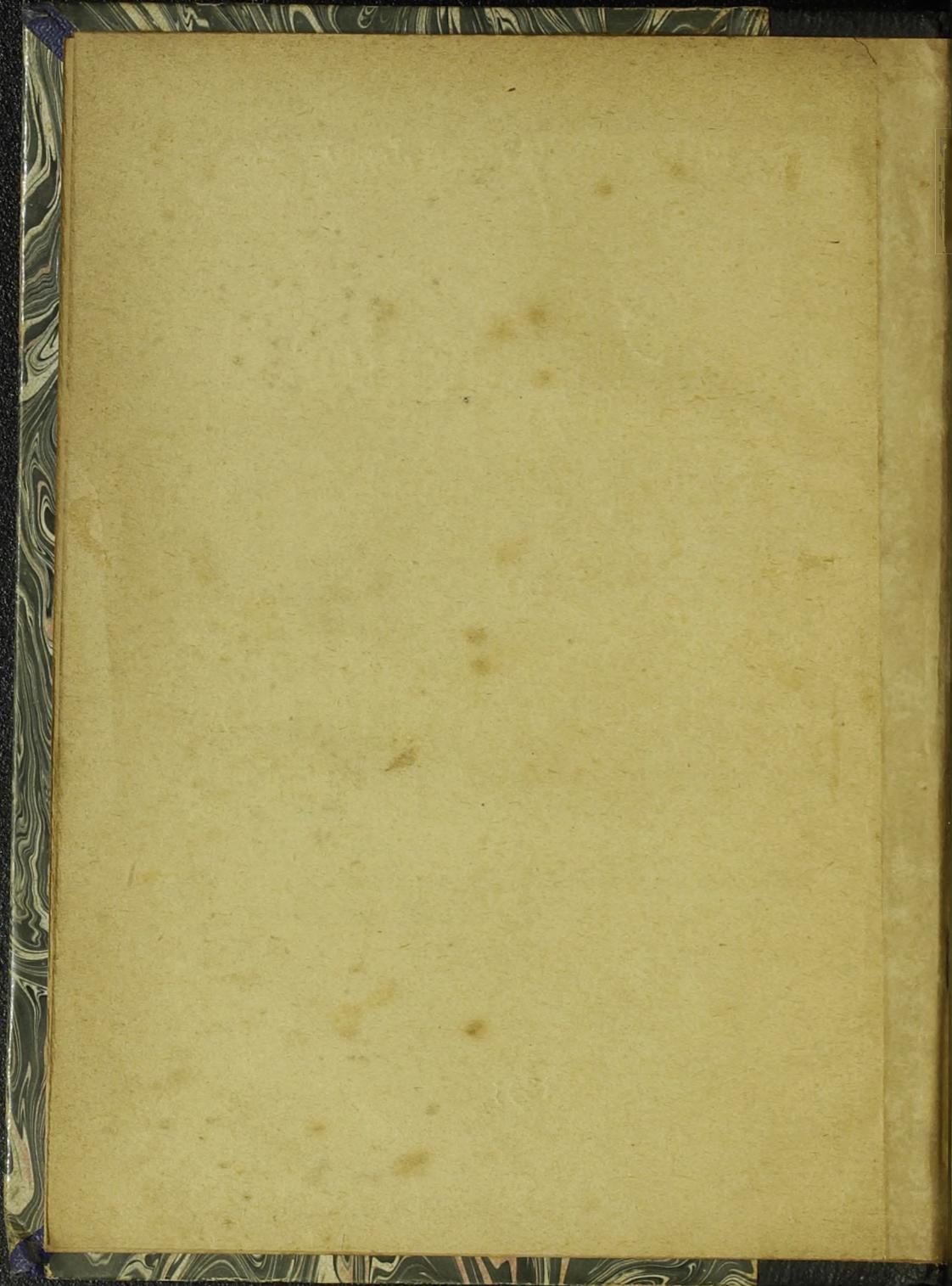
Segundo Reinado



BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LESSA»

Tombo Nº _____
* MUSEU LITERARIO

1895



Ao Povo Brasileiro

Offereço este opusculo ao heroico povo brasileiro.

Oriundo em grande parte de raças diversas, pobres e atrasadas, não obstante surgindo deste grande infusorio que se chama Brazil, retemperado por este clima quente e ao mesmo tempo ameno, a despeito da proposital ignorancia a que o submetteram, é um povo vivo, intelligente, expansivo, e por intuição patriotico, heroico e forte — um povo grande !

Paciente e soffredor, nunca se appellou para seu patriotismo que não despertasse dessa apparente apathia em defesa de uma patria que ainda não é sua !

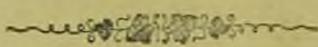
Com uma coragem estoica que é só dos brasileiros, corre aos combates, luta até vencer ; sua perseverante coragem é o penhor infallivel do cumpri-

mento de seu dever patriótico ; funda a ordem e a liberdade do Brazil, mas a patria foge-lhe como uma mãe ingrata, como uma miragem !

E' que depois da victoria os despojos opimos são dados aos estrangeiros ; a ti, ó povo brasileiro, só cabem em partilha o desprezo, a calumnia, a miseria e o ridiculo ! Assim serás sempre um povo anónimo. Ah ! é que teus heroes e os teus martyres foram sepultados pela insania dos vendidos no pó do esquecimento ; a historia *dos reis* fez mais ainda : mentindo, abateu as estatuas desses homens do passado e mutilou-as, ergueu de vossos braços uma fogueira e queimou-os para illuminar a figura do neto dos nossos conquistadores ! Atribuem-lhes a virtude de ter feito surgir o Brazil no continente americano como uma vegetação espontanea, só pelo esforço potente de seu *cerebro divino*, sem o vosso trabalho, sem o vosso concurso, sem o sangue de vossos irmãos e sem o vosso heroismo ! E' preciso desfazer esta torpe mentira !

Infeliz povo brasileiro, quando serás conhecido e venerado no seio de tua propria patria ?!

Julio da Silveira Lobo.



PREFAÇÃO

Em uma reunião republicana, em que compareceram os elementos mais patrióticos do nosso grande partido, deliberou-se, como acto preliminar, nomear-se uma comissão incumbida de redigir um manifesto que ha de servir de bandeira politica, e tambem dar á nossa *nuance* radical o nome mais conveniente, não ficando á mercê, como tem sido até hoje, da malevolencia ou da especulação desses monarchistas mais ou menos disfarçados.

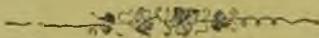
Para essa comissão foi indicado o meu obscuro nome, como representante historico mais antigo das aspirações patrióticas do nosso partido, o qual desde logo ficou chamando-se, segundo deliberação unanime—PARTIDO REPUBLICANO NACIONAL.

A despeito de minha incompetencia, aceitei da comissão a parte historica que deveria servir de

subsídio á exposição de motivos do alludido manifesto, e reunindo os apontamentos que já possuía, com o esforço de minha memoria contemporanea do segundo reinado, fiz o presente livrinho desprezencioso, mas veridico, o qual submetto á apreciação do povo brasileiro.

Quando não tenha outro merito, este trabalho servirá de estímulo aos bons e propectos republicanos, conhecedores dos melhores processos de critica moderna, despertando-lhes a necessidade de reconstruir a nossa historia social e politica (emquanto é tempo) propositalmente falsificada.

Do Autor.



REINADO DE D. JOÃO VI

Incontestavelmente o — Tiradentes — é o precursor da nossa independencia; mas o malogro dessa tentativa antes de qualquer pronunciamiento, e mesmo do esboço das idéas que deveriam servir de base ao nobre commettimento, não vem muito a proposito para o fim da exposição de motivos, como elemento historico da fundação ou agremiação actual do partido republicano nacional.

A revolução de 6 de Março de 1817, iniciada pelas armas pernambucanas e abraçada immediatamente como lava ardente pelas provincias da Parahyba e Rio Grande do Norte, é, por assim dizer, a genese do partido republicano nacional sem mescla de lusitanismo.

No meio das trévas da ignorancia com que a metropole propositalmente envolvia o povo brasileiro, no regimen colonial, um raio de luz veio aclarar o misero destino deste nobre

torrão da America, entregue aos calculos de avarento dominio de um povo e de uma monarchia cruel.

Um rei torpe, imbecil, cobarde e hypocrita, que se chamou D. João VI, emigrado para o Brazil, com sua politica tacanha, acabára de aniquilar o resto das esperanças dos brazileiros.

Essa aresta de luz redemptora emergia do santuario e do exercito brazileiro; os padres brazileiros, que pelos seus privilegios tinham escapado a esse monstruoso processo de embrutecimento e obscurantismo geral da colonia, e um minguado numero de officiaes de artilharia, todos elles brazileiros que eram, executores contrafeitos da *alta justiça* d'el-rei D. João, insurgiram-se nesse dia 6 de Março, venceram e constituiram o governo da Republica no primeiro momento!

Vencidos, porém, mais tarde pelas forças de terra e mar enviadas da Bahia e do Rio da Janeiro, foram heroes até no martyrio que sofreram, sem o menor signal de fraqueza: essa hecatombe de homens illustres, de patriotas sublimes, ficou no olvido, tal tem sido o espirito anti-nacional que ha avassallado o Brazil até hoje.

Os historiadores imperiaes condemnam o movimento armado de 1817, mas igualmente condemnam as crueldades e a torpe cobiça da alçada de D. João, que fez cahir mais de uma dezena de cabeças, confiscando e roubando os bens de fortuna dos condemnados!

Para dar a medida da selvageria dos dominadores, basta dizer que aõ cahir a cabeça de algum patriota levado ao patibulo, ao som de uma musica barbara, os gemidos angustiosos das victimas eram abafados pelas aclamações de viva el-rei! do feroz povo portuguez, que saturado desse odio gratuito, manifestado tantas vezes, acercava-se festivo e alegre desse theatro de sangue e opprobrio!

Os historiadores imperiaes, fieis ao seu systema, procuram desculpar o principe, affirmando que fôra *illudido e enganado* por esse monstro presidente da alçada, que se chamava deseembargador Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho!

O rei, porém, por antecipação, encarregou-se de desmentir esses cortezãos posthumos, aos quaes o igualmente hypocrita neto de D. João encarregou de escrever a historia do Brazil.

O decreto n. de 6 de Fevereiro de 1818, expedido como acto de alta clemencia, a pro-

posito da elevação ao throno do principe D. João e relativo ao restante dos prisioneiros escapos do cutelo do algoz pelo crime da alludida rebellião de 1817, poz a limpo a monstruosa clemencia do rei, irmã gêmea do executor de sua alta justiça! Chamamos vossa attenção para essa legislação curiosa, felizmente reimpressa já no dominio da Republica.

Esse decreto de supposto perdão, pela fôrma e pelo fundo, pela sua indole, teve o merito de convencer aos credulos brazileiros que, depois daquillo, nada era licito esperar do depravado e iniquo governo da metropole, que infelizmente corrido de Portugal veio corromper os costumes nacionaes, creando o fetichismo no Brazil. Era na verdade o tal decreto o corollario de medidas preexistentes; mas desta vez poz em relevo o que havia de ignobil, tacaño e pernicioso no animo deste rei e de sua côrte.

Duas correntes de opinião, servindo-se dos órgãos imperfeitos, para não dizer nullos, de então, fizeram estremecer o solo brazileiro: —a democracia pura ou o partido nacional de um lado, e do outro os doutores das estreitezas do ensino de *Coimbra*, que se uniram ao elemento portuguez, forte pelo dinheiro, pela

audacia, pelos elementos armados e pela machina governamental montada á feição do dominio portuguez, e tambem pela falta de escrupulos dessa gente.

Eram logicos os primeiros — queriam a independencia da patria com os elementos nacionaes, fossem quaes fossem os sacrificios de sangue e dinheiro; e desde logo estaria formada a nacionalidade.

Os outros, porém, preferiam a transacção a pretexto de evitar derramamento de sangue; conservavam assim os seus privilegios que seriam encampados pela nova monarchia, que pretendiam fundar fraccionando a familia de Bragança. Neste partido, é verdade, que havia alguns homens puros, porém tão ingenuos que acreditaram fundar uma nacionalidade homogenea com elementos heterogeneos, acostumados alguns ao dominio absoluto do paiz, ás explorações audaciosas sem sancção penal; outros ainda a obedecerem e a temerem os donatarios da terra.

Este erro gravissimo, este impatriotico e grosseiro sophisma, triumphou pela collaboração dos taes doutores, adiando-se, como tem acontecido até hoje, as aspirações nacionaes.

Tudo desgraçadamente favorecia os explo-

radores do Brazil, infensos ao partido brasileiro!

Se D. João VI fica para resistir ao movimento separatista, enviando o principe D. Pedro a Portugal, a independencia se faria com sangue, é verdade; mas grande parte dos portuguezes volveriam a metropole e os que ficassem se amoldariam ás aspirações nacionaes, não se derramando sangue só de brasileiros mais tarde para aniquilar a democracia, como se fez; mas o covarde rei, sempre em fugas, abandonou ao principe o governo do Brazil (Decreto de 22 de Abril de 1821).

Conhecendo, porém, D. Pedro que era já então impossivel impedir a independencia, escreveu a seu pai afim de decidil-o a aceitar o acontecimento, dizendo naquelle documento: *Juro que nunca serei infiel á Vossa Magestade e á nação portugueza!*

A seu turno D. João escrevia ao filho: *Se é inevitavel a independencia, ponhas tu a coroa na cabeça.*

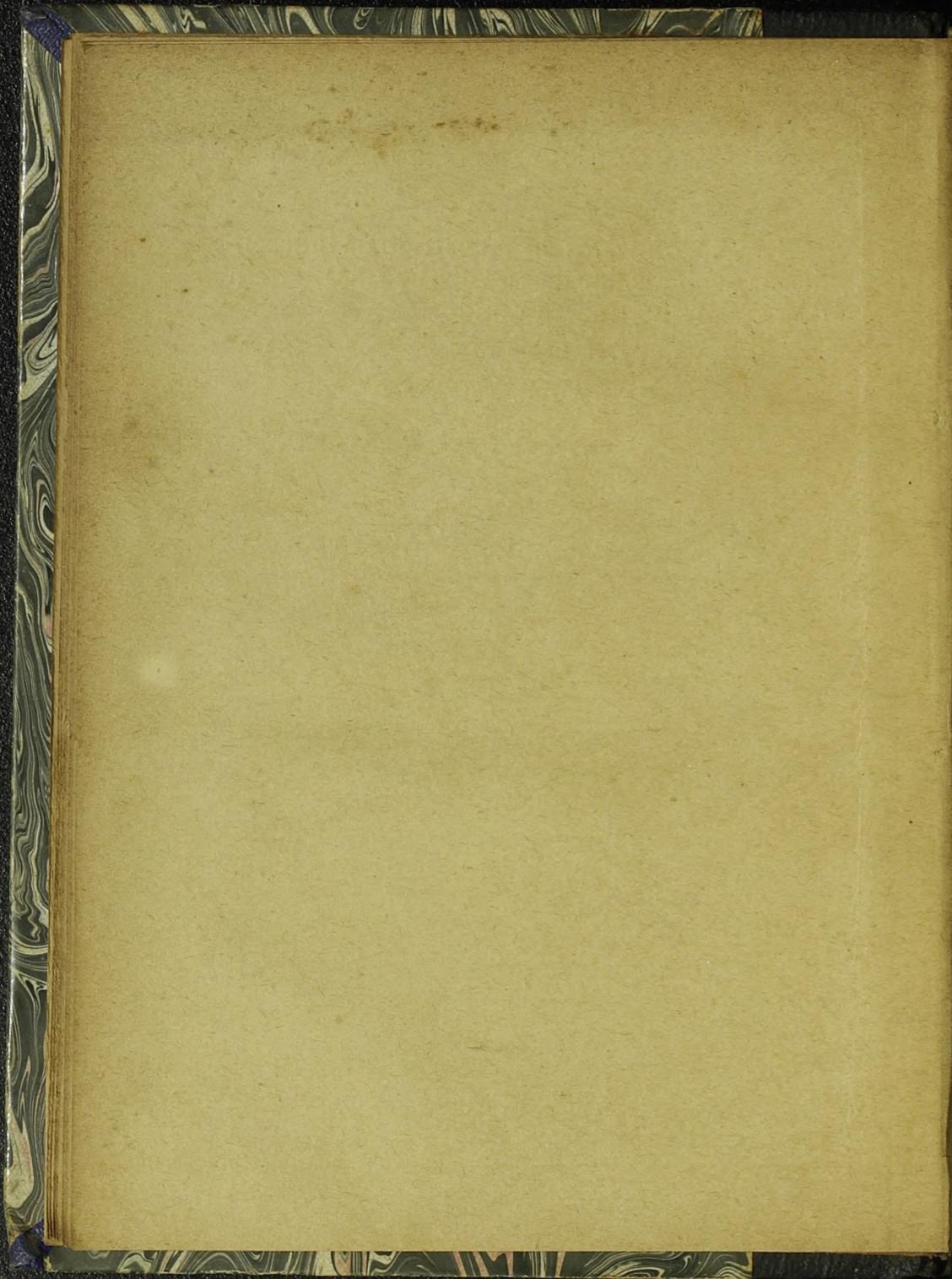
Esta resposta recebeu D. Pedro nos campos do Ypiranga, e então representou a tal farca da — *Independencia ou morte!*

Era nada menos do que um pacto de traição desses dous Braganças contra a patria brasileira!

Bem cedo muitos do tal partido da independencia, sob a egide da casa de Bragança, viram o erro em que tinham cahido.

Desmancho ^{de} linguagem, e
Taça partidaria, affirmada
patriota, como a da pg. 6.





PRIMEIRO REINADO

Os juramentos de adhesão dos subditos e das tropas portuguezas tinham as suas restricções mentaes; não juravam incondicionalmente servir á nova patria e aos interesses brazileiros, juravam servir ao principe da sua monarchia e aos interesses portuguezes no Brazil!

A luta travou-se no proprio seio da constituinte, onde o partido nacional foi vantajosamente representado, aniquilando pela logica e pelo direito as pretensões de preponderancia do partido monarchista, que queria a resurreição do regimen colonial.

O despota já de antemão preparado, com o exercito quasi todo de origem portugueza e alguns aulicos brazileiros, dissolveu a constituinte a mão armada!

Não admira mesmo que naquelles tempos houvesse fidalgos generaes que antepuzessem

a sua fidalguia de origem portugueza á independencia incondicional de sua patria, quando hoje se pretende glorificar um fidalgo contra-almirante porque morreu pretendendo apunhalar as instituições americanas adoptadas pela sua patria!

Não se diga, pois, que o nobre exercito brasileiro dissolveu a constituinte de 1822.

Não, nunca!

A nação quedou-se entretanto á espera dos acontecimentos; o imperador fez a sua carta de alforria e mandou-a publicar nos primeiros dias de Janeiro de 1824; as provincias onde predominava a influencia portugueza e onde a corrupção e o fectichismo monarchico tinham feito largo caminho, e que se contentavam com uma transacção qualquer para ficar com o seu senhor, ainda com quebra da dignidade da nação, a qual tinha sido esbulhada absolutamente do direito de constituir-se; essas, sim, aceitaram a carta.

A heroica provincia de Pernambuco, porém, protestou contra a usurpação do principe, que, fiado na força e no apoio do partido antinacional, valeu-se do direito de conquista e promulgou a constituição jurada a 25 de Março de 1824!

Pagou caro com a vida de seus melhores filhos a nobre provincia, por ter levantado a bandeira da Confederação do Equador, entre outros Fr. Caneca, sendo ao todo 12 os decapitados por uma commissão militar, que o déspota, sem outro titulo a não ser o direito da força, nomeou propositalmente para esse nefando fim criminoso!

O aulico brigadeiro Francisco de Lima e Silva, dos taes militares que antepunham os brazões á dignidade da patria, foi o protogonista dessa empreitada de sangue.

A falta de cohesão das provincias, cujos interesses são diversos, tem retardado até hoje a marcha do partido nacional. Nesta segunda revolução, cumpre notar, entrou apenas um filho da metropole — Raticliff; mas o seu papel foi muito secundario. não obstante, como era portuguez, foi aqui lamentado pela maçonaria e a historia quasi que só falla nelle.

A figura sideral de Fr. Caneca, a probidade immaculada do coronel dos Henriques Agostinho, e tantos outros, victimas da ferocidade brutal do portuguez Pedro I, foram lançados á poeira do esquecimento; foi assim que procedeu o segundo rei liberal que *fez causa*

commun com a democracia brasileira, na opinião de seus turiferarios. Pois sim!

Entretanto, digamos rapidamente o que vinha a ser essa carta outorgada, tão preconizada pelos velhacos e tão admirada pelos basbaques politicos do Brazil.

O velho regimen tinha dividido as terras feracissimas do Brazil pelos nobres vassallos do rei; essa politica do regimen colonial produzia o seguinte resultado: creava ou mantinha a escravidão, a qual perdeu o Brazil, pois não se comprehende o dominio util, perpetuo, transmissivel, sem o titulo oneroso; os donatarios no velho regimen não eram obrigados a impostos permanentes ou beneficio ao Estado, ou contribuição que lhe correspondesse; tampouco eram sujeitos á obrigatoriedade da collocação de um certo numero de familias livres, nacionaes ou mesmo estrangeiras, comtanto que se radicassem ás terras lavradas do solo nacional, nobilitando-o pelo trabalho livre; tampouco se comprehendia uma familia podendo rotear uma ou mais sesmarias de terras.

A consequencia foi a maldita instituição da escravidão, que aliás era preexistente á carta outorgada, a qual sanccionou todas essas monstruosidades com o seguinte traço: *A pro-*

priedade fica garantida em toda sua plenitude!

Outro effeito funesto e decorrente dessa medida, que só tinha por fim criar o feudalismo territorial para sustentar a monarchia, era o despovoamento do interior do Brazil; por um lado o ciume natural do feudo, por outro lado a feróz disciplina da escravidão afugentavam a população livre, que definhava e desaparecia á mingua de vitualhas e de outros soccorros, que lhes eram negados pelos senhores das terras. Effectivamente, o povoamento do Brazil, durante os dous reinados, attenta a fertilidade do solo, apresenta o resultado mais negativo que é possível prever: é um horror!

Nem nos digam que a constituição republicana de 24 de Fevereiro de 1891, consagra o mesmo principio; é preciso attender, que se tinham passado 67 annos de posse da propriedade de taes terras, em grande parte já devastadas pela rotina portugueza; além disso, tendo desaparecido a escravidão, a divisão dos feudos territoriaes era facto consummado.

Não peccava sómente neste ponto a carta jurada a 25 de Março de 1824, estatuindo a obrigatoriedade por parte do governo, de dar aos filhos do povo o ensino primario: esque-

cia o ensino secundario e profissional que apressaria a constituição social do Brazil, elevando o censo politico nacional e preparando os brasileiros para as artes liberaes!

Esta lacuna da carta jurada, quando ella propria *decretava a minoridade perpetua do povo brasileiro* pela eleição de dous grãos, assume as proporções de um attentado contra a constituição definitiva da nossa sociedade livre, contra a emancipação completa da nação brasileira!

Entretanto, os doutores da monarchia ensinaram a dizer ao povo até os nossos dias, que tal carta outorgada era a constituição mais livre e mais sabia do mundo.

O que é curioso é que o segundo imperador violou-a muitas vezes, mas nunca consentio em sua reforma, por medo e por hypocrisia.

Mas voltemos ao primeiro reinado, de Pedro I, digamos assim, pois a nossa independencia foi tão caricata e singular no seio da America, que os historiadores não estão de accôrdo neste ponto; uns querem que D. João fosse o nosso primeiro imperador, outros que D. Pedro. Lá se avenham; para nós todos elles valem o mesmo.

Parecia que a comedia da independencia, com um imperador da casa de Bragança á testa, ia pegando depois do estrangulamento da republica do Equador; tanto assim, que mister Caning, primeiro ministro da Grã-Bretanha, que já tinha reconhecido a independencia das republicas hespanholas, afim de subtrahil-as á influencia dos Estados-Unidos, e sabendo que a grande União Americana já tinha igualmente reconhecido a manca independencia do Brazil, enviou a D. João VI sir Charles Stuart, fazendo-lhe ver a necessidade de apressar o reconhecimento de nossa independencia, ao que accedeu o rei, chegando aqui o enviado inglez a 18 de Julho de 1825, e a 29 de Agosto assignava-se o tratado e a convenção, (tudo isto redigido pelo enviado inglez) em virtude da qual a independencia do Brazil era reconhecida pela antiga metropole, cousa parecida com a pacificação do Rio Grande!

Diz Abreu e Lima em sua *Synopsis historica do Brazil*:

« Eramos de facto independentes, pois tinhamos arrojado do solo brasileiro até o ultimo soldado portuguez, todavia trocáramos nossos louros da victoria por uma carta de alforria, comprada por dous milhões de libras

esterlinas. D. João VI, accitando ambas estas peças diplomaticas, promulgou no dia 15 de Novembro do mesmo anno a celebre carta de lei, pela qual declarava aos brazileiros *que cedia a seu filho D. Pedro seus direitos sobre o Brazil, conservando sómente para si o titulo de imperador!* »

São adoraveis estes historiadores monarchistas! Que queriam elles que fosse a independencia? Instam, adulam mesmo o principe portuguez para aceitar o governo do Brazil, aceitam todos os elementos portuguezes de governo, que tinham ficado no Brazil á disposição de D. Pedro, para manter o dominio da metropole; mas o principe descobrio-se:

1.º Relutando em convocar a constituinte que só pôde principiar os seus trabalhos a 3 de Maio de 1823.

2.º Dissolvendo-a logo a 12 de Novembro.

3.º Deportando os Andradas, os chefes da democracia.

4.º Dando a carta outorgada com todas essas liberdades ou antes liberalidades cosmopolitas!

5.º Finalmente, assumindo o poder absoluto de facto, suffoca em sangue os reclamantes de Pernambuco, desterra os outros que não

estão de accôrdo, divorciando-se portanto da democracia que não era precisamente a boçalidade e que ainda assim é fuzilada; tudo isto com applauso dos brasileiros, taes como os posthumos historiadores Abreu e Lima, Pereira da Silva e outros, ficando sómente de pé, incontestado, o poder do principe e de seus partidarios. Que queriam, pois, os historiadores que se fizesse dos brios de uma semelhante nação senão o que fez Pedro I, tratando ainda mais com o seu augusto pai?!

Demais, não é inteiramente verdade que tivéssemos *arrojado do solo brasileiro até o ultimo soldado*, como diz o historiador Abreu e Lima; todos aquelles que se pronunciaram pela metropole, estes, sim, foram expellidos do Brazil, inclusivamente Luiz do Rego Barreto com sua divisão portugueza, que aliás tinha adherido em Pernambuco; todos os outros que se pronunciaram pelo seu principe, que ficava reinando no Brazil, foram acceitos pela ingenuidade de muitos dos brasileiros que não eram certamente *jacobinos*.

A marinha era toda portugueza, á excepção dos officiaes-generaes que commandavam esquadilhas ou divisões, os quaes eram de outras nacionalidades. Quanto ao exercito, está

isto authenticado. A que, pois, vêm os gryphos dos historiadores a proposito do tratado de paz com Portugal? O que havia de pé no Brazil, já o dissemos, era o principe portuguez e o seu povo tambem portuguez, nada mais!

Tanta importancia davam as côrtes portuguezas aos nossos brios de Nação e á comedia de nossa independencia, que, morrendo D. João VI, em Lisboa, a 10 de Março de 1826, foi acclamado D. Pedro, rei de Portugal! O imperador, acceitando a *herança de seu pai*, diz a historia, abdicou em sua filha de sete annos de ida de—D. Maria da Gloria—era portanto uma tentativa de annexação do Brazil a Portugal, que os cortezãos do Rio de Janeiro evitaram por prudencia que se fizesse!

Neste anno de 1826, a 6 de Maio, abrio-se a primeira assembléa legislativa do Brazil, dous annos e meio depois de dissolvida a constituinte, dous annos e meio de plena dictadura! Isto responde aos hypocritas que pedem um plebiscito, depois de convocada a constituinte republicana e promulgada a constituição de 24 de Fevereiro de 1891!

Na constituição da camara entravam como elemento preponderante e puramente democratico os illustres padres brasileiros de então:

Feijó, Custodio, Caldas, Alencar, Ignacio Joaquim da Costa, Chacon, João Barbosa Cordeiro, alcunhado Padre Bussola, e muitos outros. Precisamos desde já accentuar esse caracteristico da camara, para não ficarem os nossos concidadãos sorprendidos quando tratarmos da campanha movida pelo segundo imperador ao clero propriamente nacional, que se acha hoje quasi extincto, representando a igreja brasileira actualmente padres estrangeiros, principalmente essas congregações jesuiticas que formam a terrivel vanguarda do clericalismo europeu!

Os padres, prestigiados pelo martyrologio nacional, onde contavam-se sacerdotes illustres que perderam a vida no patibulo, cinco seculares em 1817 e um monge em 1824, este condemnado pela commissão militar nomeada pelo principe D. Pedro, eram além de tudo modestos em suas ambições, honrados e escrupulosos; tornaram-se portanto alvo do odio do imperador, que via nelles a mais formidavel barreira aos desmandos de sua administração e á ganancia de seus ministros.

Desta pleiade illustre e patriotica destaca-se a figura severa de Feijó, o Floriano daquelles tempos, que só foi excedido por este por ter

entregado o poder ao partido cosmopolita, commandado pelo perverso Pedro de Araujo Lima, mais tarde marquez de Olinda, o qual, por irrisão do destino, nasceu na heroica provincia de Pernambuco.

Um grupo numeroso acompanhava no parlamento os honrados Andradas, ideologos e pretensos domadores de reis. Pedro I portanto encontrou na assembléa ordinaria a mais decidida opposição ; as suas guerras loucas e as depravações de sua vida escandalosa não pouco concorreram para divorcial-o completamente do partido nacional.

Por outro lado, os acontecimentos de 1830 avolumaram ainda mais o partido nacional, já crescido pelas derrotas imperiaes de 1827.

O imperador confiando o commando da esquadra estacionada no Uruguay ao portuguez capitão de fragata Jacintho Roque, que mal sabia commandar o seu navio, teve de vel-o batido pelo almirante Brown! De 19 navios armados em guerra, onze foram tomados e cinco incendiados pelo inimigo, salvando-se apenas tres (9 de Fevereiro de 1827)! Que coincidencia para a causa da monarchia intrusa no Brazil: a 9 de Fevereiro de 1894 é repellido de Nictheroy a esquadra revoltada em

nome da monarchia, sob o commando do contra-almirante Saldanha da Gama!

O marquez de Barbacena a seu turno era batido no arroio Ituzaingo, perdendo e desmoralizando as nossas melhores tropas do exercito (20 de Fevereiro de 1829).

Feita uma paz ficticia pelo tratado celebrado a 24 de Maio de 1827, que não foi ratificado em Buenos-Ayres, seguiram-se outros acontecimentos infelizes, que, dizem os historiadores, obrigaram o nosso *heróe* a pedir a *pater*nal intervenção da Inglaterra para o tratado de paz definitiva, perdendo nós a provincia Cisplatina na Banda Oriental, que se tornou independente; toda essa má sorte era devida á parcialidade com que se houvera o primeiro imperador, escolhendo de preferencia e pessimamente os agentes portuguezes para seu governo.

O desgosto dos brazileiros era geral, mesmo daquelles que tão ardentemente tinham abraçado a causa do principe estroina, fazendo esta singular independencia cosmopolita, que ainda hoje é o maior de nossos males. Correram assim as cousas até o anno de 1830, quando chegou a esta cidade a noticia da revolução de Paris, nos tres dias de Julho.

Foi uma centelha electrica arrojada das nuvens, já pejudadas de desillusões que tinham soffrido os brazileiros.

O imperador, querendo com sua presença conjurar a tempestade, como lograra na Bahia em 1826, partio para a liberrima provincia de Minas.

Tinham abraçado os mineiros a idéa do antigo partido nacional, que em tão má hora abandonaram, depois, por sugestões de Vasconcellos e Paraná—a republica federativa; a imprensa fluminense, porém, que até então não tinha ainda sido avassallada pelos portuguezes do Rio de Janeiro, fez-se em grande parte echo desse fermento salutar que promettia ao Brazil, impulsionado pelo partido nacional, a completa emancipação dos brazileiros; mas não se fallava abertamente em republica, insinuava-se a federação, e a consequencia seria a republica federativa.

Os mineiros receberam mal o imperador, dando-lhe as provas mais patentes de seu desagrado.

Irritado o portuguez Pedro I com taes manifestações do sensato povo mineiro, fez publicar uma proclamação ameaçadora para os Brazileiros e recolheu-se a S. Christovão a 11 de Março de 1831.

O Rio de Janeiro era, como ainda é hoje, o quartel-general dos portuguezes.

Prepararam portanto uma desforra ao principe, e, contando com o apoio dos realistas brasileiros e com grande parte da tropa, que era portugueza, atacaram das suas casas de commercio, com garrafas vasias aos grupos de patriotas que faziam manifestações entusiasmadas á liberdade de nossa patria na noite de 13 para 14 de Março, do que resultou varias mortes e ferimentos graves entre o partido exaltado, como lhe chamaram os servis historiadores do partido portuguez.

Depois desse lutuoso acontecimento, vinte e tres deputados e um senador, em casa do padre José Custodio, redigiram uma representação ao imperador, pedindo uma reparação á offensa proposital feita ao elemento nacional.

O arrogante principe portuguez, satisfeito e orgulhoso com a victoria das garrafas de seus *malungos*, nem caso fez da representação dos representantes da nação, fazendo sua entrada triumphal nesta heroica cidade, a qual elle julgava submettida, a 17 de Março, e, como resposta á representação dos deputados, uma serie de medidas affrontosas foram adoptadas pelo rei galanteador; a 7 de Abril, porém,

Jose Custodio
de casa do padre
Custodio

vendo o aspecto que tomava o movimento popular no campo de Sant'Anna, redigio o acto de sua abdicacão em seu filho.



REGENCIA E FEIJO'

Um historiador monarchista diz a proposito da abdicção de Pedro I: « Os brazileiros ficaram dahi em diante entregues a si mesmo. » Engano manifesto; todos os elementos exploradores, apoiados pelo partido portuguez, perturbando a paz e o progresso de nossa patria até os dias da Republica, ahi estavam de pé.

Antes de tudo demos o balanço do effectivo do partido nacional.

O partido nacional compunha-se de muito bons patriotas dedicados e melhor orientados, logicos com as aspirações nacionaes; mas pelos seus desinteresses e pela probidade representavam a pobreza honrada dos politicos do Brazil; isso os nobilitava perante as classes medianas, de quem hauriam a sua força, mas não podiam contar com as massas ignorantes e transviadas.

O povo deprimido pela escravidão, comprimido pelo despotismo disfarçado em fórmulas

vãs, desvairou-se por vezes, pelas noções mais falsas, pelas credices mais absurdas, tornando-se o joguete dos mandões do dia.

A democracia encarnava-se portanto na classe mediana e nos padres brasileiros, que em contacto com o povo, ouvia as suas queixas e doía-se de sua miseria, sentindo que faltavam á santa missão de brasileiros e de sacerdotes se os abandonasse ao feroz despotismo do partido explorador do povo brasileiro.

Parte do exercito brasileiro que despontava, cheio de prestigio pelo seu valor e distincção, era igualmente um apoio ao partido nacional pela sua organização democrata, mas, peado pela obediencia (além disto ainda em 1831 estava mesclado de portuguezes), manifestamente infenso á autonomia nacional, de pouca valia.

Quanto á marinha, era ella toda de portuguezes desde os officiaes-marinheiros subalternos até os commandantes. Quanto piloto alphabeto levou a Pedro I uma recommendação de uma de suas amantes, foi nomeado, para um posto mais ou menos elevado, official da marinha imperial, sendo que os melhores desses officiaes sabiam apenas guiar um navio, isso ainda tendo attingido os postos de official-general, tanto assim que, a despeito da

parcialidade com que eram acolhidos os portuguezes, considerados donos do Brazil, nunca commandaram esquadras em operações, sendo chamados os inglezes e francezes. Os brazileiros que serviam na marinha de então eram filhos do povo rebelde; entravam como elemento de absoluta passividade e eram tratados com o maior rigor e deshumanidade.

Os officiaes superiores e os generaes de mar, de origem portugueza, empregavam-se de preferencia nos cargos da administração da marinha, vendendo as ilhas do formoso archipelago de nossa bahia, aos patricios de além-mar *por dez réis de mel coado*.

Assim é que se explica como as ilhas, que, além do aformoseamento da bahia, seriam utilissimas á defesa do porto e da cidade, estão até hoje em poder dos portuguezes, ainda que *neutralizados*. Qual! a dominação portugueza que perdura até hoje não conhece esthetica nem estrategia!

Se a Republica quizer rehaver algumas dessas ilhas ha de ser á custa de grandes sacrificios!

Vejamos agora do que se compunha o partido portuguez.

Todos os estadistas do velho regimen, que

na partilha desgraçadamente couberam ao Brazil como um presente grego, todos eram inimigos jurados da autonomia desta terra e dos brasileiros; grande parte do exercito e toda a marinha, como já vimos, pertencia ao partido portuguez; todo o commercio a retalho e parte da grande lavoura servida por escravos, todo o commercio de madeiras e dos nossos productos da grande permuta, tudo isto era, como ainda hoje, exclusivamente de portuguezes ou de seus partidarios brasileiros.

Havia um elemento assaz poderoso que era em grande parte nacional, a classe dos lavradores, e na provincia de Minas, os que exploravam a industria da mineração: eram, por assim dizer, classes conservadoras, porém que, mordidas pelo patriotismo, collaboravam com o partido nacional; mas, passada a luta, voltavam a seu papel, solicitadas pelos interesses que repousavam na escravidão!

Esses bons e honestos elementos, depois de muitas oscillações, acabaram por se unir aos portuguezes, com sacrificio do povo brasileiro; isto foi obra dos escravagistas já no segundo reinado, começada, porém, pelo grupo nefasto, composto de Vasconcellos, Pedro de Araujo Lima, Honorio Hermeto Carneiro

Leão e Miguel Calmon du Pin e Almeida; o cynico Vasconcellos dizia no parlamento que a nossa civilização vinha da costa d'Africa.

Isto é o que a historia não diz, mas que é preciso dizer: em todo o reinado de Pedro I fizeram os portuguezes o contrabando dos escravos a despeito dos solemnes tratados com a Inglaterra; os portuguezes eram os unicos armadores desse tempo, a politica colonial não permittia outra cousa; os navios portuguezes mudavam apenas de bandeira, e esse commercio infame é quem perverteu o fazendeiro, aviltando o trabalho nacional!

Isto quer dizer que o partido portuguez tinha, além dos elementos materiaes, a vida nacional inteira em suas mãos; era portanto o mais poderoso.

O povo brasileiro, a despeito de sua constituição ethnica e da profunda ignorancia em que propositalmente o tinham conservado, possuia a intuição de sua força e de seu patriotismo, que se manifestou sempre em rasgos de heroismo pela liberdade; mas um povo não póde viver de sentinella, com armas aos hombros, tratando de seus direitos: é preciso confiar essa delicada tarefa aos politicos. Mas os doutores de Coimbra eram todos negociantes; de lá im-

portaram, além de outros vícios, a eiva do mercantilismo que deveria retardar as idéas nacionaes até a Republica! Venderam-nos!

Era nestas circumstancias difficeis que, dias depois da abdicação de Pedro I, tomou posse do cargo de ministro da justiça Diogo Antonio Feijó, que conseguira pacificar os animos e restabelecer a confiança do partido nacional. Entretanto se os patriotas davam tregoa ás suas justas represalias voltando ao andamento dos seus negocios, por confiarem na severidade de character de Feijó, o qual incontestavelmente era a maior influencia popular de seu tempo; o partido portuguez, que era apoiado pelos escravagistas e exploradores do povo brasileiro, preparava com os elementos já apontados a tremenda reacção que devia assoberbar o Brazil!

Seis mezes depois do acto da abdicação de Pedro I sublevava-se um regimento de artilharia de marinha, quasi todo elle composto de portuguezes, levantando a bandeira da restauração de Pedro I, revolta que se estendeu ás fortalezas; ainda desta vez foram os elementos do nobre exercito brasileiro os que estiveram ao lado do governo nacional; officiaes *avulsos*, porque naturalmente eram brasileiros, do

1º e 2º corpos de infantaria, commandando as heroicas milicias desta cidade, abafaram o movimento e restituiram ao governo a força material e moral de que carecia e o socego á capital.

O partido-columna (assim se chamava o partido explorador portuguez e brasileiro) não tinha se limitado a esta cidade; com a noticia da abdicação ia já o plano da conspiração para todas as provincias. Tinham os doutores da monarchia elementos de sobra pelo menos para agitar o Brazil, como fazem hoje com a Republica.

Dous fortes motivos os animava nesse terrivel plano: primeiro restaurar o rei banido, e, quando não o conseguissem, desacreditar o governo democratico da regencia, incompatibilizando-o com a paz publica, impedindo o estabelecimento definitivo do governo da democracia pura.

Não ha nada que mais se pareça com esses comediantes de sangue do que os actores de hoje: então, como hoje, promoviam as revoluções, a desordem publica, e como Feijó resistia energicamente, chamavam-n'o--tyramno!

A ultima destas machinações de sangue contra o povo brasileiro foi engendrada entre o

hypocrita e perverso marquez de Olinda e Miguel Calmon du Pin e Almeida!

Sabendo elles que Sabino era um republicano ardente e um tanto ingenuo, mas gozando de absoluta popularidade na Bahia, foi commissionedo este ultimo, Miguel Calmon, afim de propôr-lhe o levantamento daquella provincia e consequente proclamação de uma *republica provisoria* (!) até que a nação se pronunciasse, tudo com o fim de aniquilar o governo de Feijó, que effectivamente era republicano, mas como regente em nome do imperador escrupulisava conspirar do alto posto que mantinha, assim como fazer a republica sem acquiescencia do parlamento e muito menos revolucionariamente, sendo, como era, depositario do Poder Publico.

Neste sentido fez apresentar um projecto ou resolução á assembléa afim de que fosse remetido á Europa a ultima semente venenosa da monarchia portugueza, projecto regeitado pela camara, devido ás lamurias de Honorio Hermeto Carneiro Leão e de outros que taes, decidindo assim o parlamentarismo da sorte do immortal governo de Feijó, o qual, desautorado, retirou-se á vida privada.

Tambem já era tempo. Os portuguezes

estavam desesperados; nem um africano escravizado tinham elles introduzido no Brazil durante esse aureo periodo regencial; os ladrões da fazenda publica estavam prestes a abrir fallencia; os moedeiros falsos, cunhadores do cobre, essa *moeda privada*, invenção do cynico Vasconcellos, tinham visto o *tyranno Feijó* mandar sequestrar-lhes os carimbos e inutilisal-os; os dinheiros da fazenda publica eram arrecadados com promptidão e recolhidos escrupulosamente ao erario nacional; os ladrões do cambio tiveram tambem o seu quinhão de lazeira; nesse tempo não havia os en-saccadores de café ou misturadores—esta *gloria* coube ao segundo reinado.

Manoel do Nascimento Castro e Silva, ministro da fazenda, alvo das facecias de Vasconcellos, frustrou os planos dos atravessadores de cambiaes, comprando mercadorias nacionaes, cuja selecção era respeitada pelos atravessadores ou exportadores (graças ás repartições da inspecção), fazendo-as remetter por conta do Estado em vez de letras de cambio.

Ora, isto realmente era a maior *tyrannia* exercida contra a util pratica de estrangeiros e brasileiros reunidos em fraternal conluio en-

cherem suas burras á custa da miseria publica ; cahio, pois, o governo de Feijó com applausos e benções da lusa gente e de seus socios sybaritas do poder, cultores emeritos do orientalismo africano !

Mas a tempestade armada na Bahia ainda não tinha arremessado o raio, e o Dr. Sabino, illudido com a duplicidade de character de Pedro de Araujo Lima, mais tarde marquez de Olinda, successor de Feijó, deu o grito de revolta ; isto, porém, não era motivo de embaraço ao marquez de Olinda e tão pouco aos cynicos que tinham assaltado o poder.

Mandaram o portuguez José Joaquim Coelho, de Pernambuco, commandando uma brigada, que, auxiliado pelo chefe de esquadra Beaurepaire, suffocaram em sangue a revolta armada por elles mesmos chefes, já então no governo !

*Junho
1831*

O governo do marquez de Olinda foi um governo fatalissimo ao Brazil e á sua civilisação, como todos os governos reaccionarios que succedem a um periodo de ideal politico tendo por base a severidade de costumes publicos e privados ; abrio os diques ás especulações mais vergonhosas, restabeleceu-se cynicamente o trafico dos africanos, rasgando-se a lei de 1831.

Os assassinatos politicos, razão de Estado no primeiro reinado, foram restaurados; então como hoje, ninguem tinha o direito de se declarar patriota para não ser acoimado de *Feijonista*.

Até nisto muito se parece o governo do marquez de Olinda com o actual, *continuador* do do marechal Floriano—*mutato nomine de te fabula narratur*.

Então, como hoje, a questão consistia em matar, ou pelo menos adiar indefinidamente, as aspirações nacionaes, principiando por emprestar ao partido nacional a feição de um partido pessoal, revesso ao bom senso e sem orientação politica, quando aliás este partido apenas queria e quer ainda hoje o que é elementarmente razoavel para conformação social da nação, que precisa reconstruir-se differentemente sob as bases do patriotismo nacional.

Mas prosigamos: o governo do marquez de Olinda, em evidente minoria no Brazil, foi o primeiro a inventar a falsificação do processo eleitoral e as depurações no parlamento, systema que chegou á maxima perfeição no *glorioso reinado* de D. Pedro II. Aquelle perversor do systema, já de si falso, levou o paiz ao desespero; oppoz-se hypocritamente em

1840 á revolução da maioridade afim de acirrar o partido nacional, compromettendo-o e responsabilizando-o perante a nação pelo segundo reinado.



SEGUNDO REINADO

Mas passemos ao segundo reinado.

Uma comissão de aulicos encarregou-se, por parte dos maioristas (uma complicação de idéas e de individuos) de decifrar a esphyngue de S. Christovão.

O primeiro vagido do *bébé-elephante*, que se projectava levar ao throno, era um grunhido de premeditada traição á democracia brasileira na pessoa dos Andradas, que elle odiava, como a tudo que era patriota.

Disse o rei de 15 annos: « *Estimo muito que os Andradas dirijam o movimento da maioridade!* »

Pedro de Araujo Lima, por sua vez, proferira estas palavras sybillinas: « *Resisto ao rei para melhor servir ao rei.* »

Estas duas almas hypocritas, inimigas da causa nacional, o marquez de Olinda por educação e temperamento egoista e Pedro II por egoismo e por baixa vingança, equilibravam-se

em situações aparentemente oppostas : ambos queriam o compromettimento da democracia, symbolisada pelos Andradas e pelo patriota Theophilo Ottoni, este mais ardente do que reflectido, porém o maior tribuno daquelle momento historico.

Elles, o rei e o marquez, bem sabiam que esse acto de inepto desespero era o inicio do garrote preparado ao partido nacional.

Os portuguezes a seu turno nem mais se incomodaram ; organisados systematicamente nesta cidade e em quasi todas as outras do Brazil, graças ao regente Olinda, que lhes entregou toda a vida social e economica da nação, perseguindo tenazmente o elemento nacional ; por outro lado, estreitamente vinculados á grande lavoura, enthusiasmada com a abundancia de braços africanos feitorados por crueis portuguezes, mandados vir expressamente do reino de Portugal, elles, os portuguezes, com razão confiavam que cedo ou tarde seria estrangulado o partido nacional.

O primeiro baralhamento das idéas e dos individuos fôra tambem a consequencia do funesto erro da maioridade, pois não se indagava das origens e dos propositos dos adeptos.

Vencendo o partido da maioridade, como

era facil de prever-se, outra consequencia foi a mudança dos nomes dos antigos partidos, questão que parece de pouca importancia, mas que tinha o valor de um rompimento brusco com o glorioso partido nacional, cuja tradição era assim quebrada.

Diziam os palacianos : « Se todos nós queremos a maioridade do principe como unico meio de salvação da patria, e sendo o principe nascido entre nós, a que vêm as denominações de partido portuguez e partido nacional? Sejamos nós—maioristas—os liberaes, e os que resistem—os conservadores », e assim se fez.

O partido portuguez, por uma manobra habil, concorreu poderosamente para a mudança das antigas denominações dos partidos, que em substancia continuavam em luta, ao menos por algum tempo.

Comprehendendo que sua causa estava ganha com a ascensão do imperador ao throno, pelo effectivo dos proprios elementos de que se compunham as classes dirigentes da nação brazileira, recolheu-se elle então á penumbra!

Não lhes convinha mais e nem tinham os portuguezes necessidade da escandalosa evidencia em que tinham vivido desde a torta inde-

pendencia até então. Para que arriscar a pelle quando tinham combatentes de todos os matizes entre os brasileiros?

Quanto a seu plano social de avassallamento da nação brasileira, contavam os portuguezes como alliados, além dos velhos estadistas ao *serviço do Brazil*, os novos já experimentados, que fizeram a bem succedida campanha contra o governo de Feijó.

Como é natural, taes politicos, tendo se divorciado dos interesses nacionaes, abrigaram-se necessariamente sob o apoio dos portuguezes, sendo que taes estadistas, com a alludida balburdia da revolução da maioridade, confundiam-se no mesmo campo com os patriotas.

Confiavam ainda os portuguezes, e com muito criterio, em que o principe em todo o caso obedecia á tradição da casa portugueza de Bragança, divorciando-se, como de facto, das aspirações nacionaes que se encarnavam na democracia, de quem aliás o principe só tinha odio e contas a ajustar, como se vai ver.

As previsões do partido portuguez, o qual modestamente aceitara o commando do partido conservador, com o qual fundia-se, realiza-

ram-se, excedendo em muito a expectativa de então.

O inevitavel baralhamento de homens e de idéas a que alludimos facilitou bastante a campanha de exterminio do partido nacional desde logo, e mesmo no começo do reinado de Pedro II.

Na organização do primeiro governo do segundo reinado a camarilha do principe, aproveitando-se da confusão dos espiritos, e logicamente tirando as consequencias do gravissimo erro da democracia em recorrer á errada solução da crise, fazendo a maioridade, introduzio no governo de gabinete elementos dissolventes os mais suspeitos á causa nacional!

E assim é que a par dos Andradas figuraram neste gabinete o portuguez Limpo de Abreu, camaleão politico; F. de P. H. Cavalcante, mais tarde visconde de Albuquerque, o temperamento mais *sui generis*, pois elle era sinceramente e ao mesmo tempo liberal, absolutista, fidalgo e democrata, do partido portuguez e do nacional, mas com grande fundo de probidade; Aureliano de S. O. Coutinho, aulico, e Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, depois visconde de Suassuna, negreiro.

Este gabinete foi o de 24 de Junho de 1840.

Oito mezes depois, a 23 de Março de 1841, eram despedidos os taes maioristas liberaes e lhes succediam os homens de um gabinete francamente conservador, composto de Candido José de Araujo Vianna (marquez de Sapucahy), aulico; Paulino José Soares de Souza (visconde do Uruguay); Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, entidade que servira como liberal no gabinete anterior; marquez de Paranaguá, *surucucú* do velho regimen; José Clemente Pereira, idem; Miguel Calmon du Pin e Almeida (marquez de Abrantes), bancarroteiro do primeiro reinado.

Estes inimigos da patria e dos brazileiros, desejando experimentar o animo do joven principe, fizeram baixar o ominoso regulamento ou instrucções de 31 de Janeiro de 1842, *re-formando o codigo do processo* e ferindo a *carta!* Sabendo, porém, de antemão que a camara dos deputados não approvaria semelhante attentado, por decreto de 1 de Maio de 1842 dissolveram-n'a antes da abertura do parlamento, reformaram igualmente a lei eleitoral, tambem a pretexto de regulamental-a e tomaram outras medidas de uma reacção medonha, o que provocou os protestos armados de S. Paulo e Minas, escudando-se a esse pre-

texto no decreto inconstitucional de 20 de Junho de 1842, mandando observar as leis militares em tempo de guerra nas provincias de Minas e S. Paulo; outro anterior de 18 de Junho suspendendo as garantias do municipio da côrte, em virtude do qual muitos cidadãos foram recolhidos á fortaleza de Villegagnon, e deportados os ex-deputados Limpo de Abreu, Dr. Meirelles, França Leite, J. F. Guimarães, conego Geraldo e Francisco de Salles Torres Homem, depois de vencidos os movimentos de Minas e S. Paulo.

Vejam os meus concidadãos com que sêde de reacção e de vingança se manifestava o principe com o apoio do partido luso brasileiro logo no começo de seu desastroso reinado!

Sem embargo dessa *carga brilhante* desfechada na ingenua democracia brasileira a 20 de Janeiro de 1843, o bebé das pernas bambas reorganisava este gabinete com elementos de igual jaez, mas sem os ferozes portuguezes marquez de Paranaguá e José Clemente, isto até 2 de Fevereiro de 1844, quando subio de novo a mescla seguinte: José C. de Almeida Torres, Manoel Alves Branco, Ernesto Ferreira França, Jeronymo Francisco Coelho, Hollanda Cavalcante e Limpo de Abreu.

E dahi em diante, em todos os gabinetes, a camarilha do imperador inoculava o virus dissolvente com a mistura dos conservadores e liberaes.

Este processo foi invariavelmente seguido até com o gabinete de 31 de Maio de 1848. Presidido por Paula e Souza e considerado puramente liberal, pois neste gabinete figurava Joaquim Antão Fernandes Leão, trahidor aos revolucionarios mineiros de 1842, e João Paulo dos Santos Barreto, aulico e restaurador na provincia de Pernambuco em 1832.

Ora, se era quasi impossivel ao partido nacional normalmente governar o paiz contra os poderosos elementos estrangeiros e brasileiros já apontados, muito menos contrariado pela má fé com que o imperador lhe concedia o poder.

Foi, pois, o governo da nação desde 1840 a 1848 a continuação da comedia da revolução da maioridade uma especie de aprendizagem do joven monarcha, uma especie de tregoa dos partidos que aguardavam a plena virilidade do rei a ver se elle tomava uma posição decisiva, e assim foi ; tendo attingido sua maioridade de 23 annos, entendeu chegado o momento politico de vingar seu pai do que se chamava, em

linguagem palaciana, *ultrages do partido nacional á pessoa do primeiro imperador.*

Vejam os meus concidadãos como os aulicos invertem as questões ! Os reis é que servem ás nações ou as nações é que servem aos reis ?

A democracia exigia pelos seus órgãos simplesmente o que era de seu direito.

Mas continuemos.

Tendo a camara liberal de então em seu seio o vulto homerico de Nunes Machado, chefe de uma deputação intelligente e patriotica, e vendo este cidadão que toda a perturbação da vida politica e social da nação provinha do avassallamento ao *meio* portuguez, que, ainda mais, auxiliado pela odiosa centralisação, de modo que o Brazil era o Rio de Janeiro e o Rio de Janeiro o portuguez, com a sua nobre franqueza e altivez de seu character, levantou a bandeira da nacionalisação do commercio a retalho, a elevação das taxas das tarifas aduaneiras para as mercadorias estrangeiras similares ás de producção nacional e outras medidas complementares. Era em summa essa bandeira o meio pratico de scindir o monopolio complexo do partido portuguez, que, dominando commercialmente e economicamente, estava per-

turbando a vida nacional e poderosamente influido na politica, nos costumes e na originalidade de nossa civilização adquirida ao contacto do *meio* americano, influenciada pelo nosso benefico clima.

Não eram por certo estes os intentos do monarcha de tradições portuguezas, de indole acanhada e de uma perversidade hypocrita e fria, o qual antes de tudo queria cumprir o juramento dado por seu pai ao seu avô: « Juro a Vossa Magestade pelo meu sangue que nunca serei infiel a Vossa Magestade e á nação portugueza. »

Além disto, se é verdade que os reis nada aprendem e nada esquecem, Sua Magestade tinha uma grave offensa do partido nacional, corporificado no grande cidadão Feijó; houve um momento em que esse partido pôz *em duvida os direitos da conquista portugueza*, reconhecidos pela carta outorgada, querendo interromper a successão que deveria recahir na pessoa do Sr. D. Pedro II. Ora, isto os reis não perdoam !

O programma de Nunes Machado era a solução unica para desfazer esse hybridismo nacional, tão fatal aos povos, que se inoculára envenenando a nação brazileira; porém seria pre-

ciso o apoio do principe, para com uma reacção energica e efficaz suffocar os exploradores portuguezes indignos, que nos esbulharam de todo os nossos direitos.

Infelizmente não era esse o temperamento do principe, e ao contrario a sua politica até então vacillante trazia todavia a noção clara de um trabalho nunca interrompido afim de enfraquecer e desacreditar o partido nacional, mesmo a despeito de suas transigencias com o partido cosmopolita, e por isso mesmo sua Magestade, pois, acceitou o repto ! Sabia que nada havia a temer das provincias do sul, já então envenenadas pela instituição da escravidão; a qual desde 37 a 48, periodo de que já tratámos, tinha tomado as mais largas proporções, gozando o partido portuguez por este facto das decididas sympathias entre os grandes lavradores destas ultimas provincias.

O anno de 1848 foi a agonia violenta do partido liberal, nome acceito indiscretamente pelos maioristas do partido nacional.

Os gabinetes se succederam á medida da impaciencia do principe, que *desejava chegar ao homem* que elle queria, desfazendo-se dos liberaes que, aliás tinham maioria na camara dos deputados e no seio da nação.

Assim o primeiro gabinete de 8 de Março só durou tres mezes e o segundo de 31 de Maio foi succedido pelo de 29 de Setembro, ahi parou Sua Magestade.

Pela primeira vez depois da maioridade o ex-regente marquez de Olinda foi chamado ao poder. Eram seus companheiros :

Paulino José Soares de Souza.

Marquez de Monte-Alegre.

Euzebio de Queiroz C. Mattoso da Camara.

Manoel Felizardo de Souza e Mello.

Joaquim José Rodrigues Torres, todos conservadores.

O rei descobrio-se com a organização deste feroz gabinete, o mais fatal ás instituições democraticas, o perseguidor implacavel do povo brasileiro e consequentemente o cultor declarado da influencia portugueza na economia interna e externa do Brazil, finalmente, o restaurador desembaraçado e audacioso da politica colonial do primeiro reinado !

A organização do gabinete de 29 de Setembro descobria ainda a politica de predilecção do rei pelos portuguezes, pois em presença de um programma claro, leal e patriótico, que aliás poderia soffrer modificações, amparado pelo preclaro patriota Nunes Machado e uma depu-

tação intelligente como então era a de Pernambuco, preferio entregar-se ao homem mais inimigo do partido nacional, que surgia do cháos politico, propositalmente mantido por sua politica anterior.

O rei não admittia que se discutissem taes idéas que vinham perturbar o Brazil, dizia elle, isto é, o syndicato explorador organizado por portuguezes e brasileiros.

O presidente do conselho, esse hypocrita que fôra educado em Coimbra desde criança, preencheu plenamente as vistas odientas do seu imperial senhor !

Funccionava a camara liberal, o festejado tribuno pernambucano fallava explanando as idéas de reconstrucção nacional ; as galerias occupadas pela mocidade estudiosa prorompiam em applausos, o furibundo ministro da justiça Sr. Euzebio esperava-os ao sahir e mandava-os recrutar !

No dia immediato o tribuno pernambucano annunciava uma interppellação ao ministro, este não comparecia, pretextando affazeres de sua pasta ! Novo requerimento convidando o presidente do conselho para ser interpellado ; respondia cynicamente o marquez de Olinda *que não reconhecia na camara o*

direito de intervir na administração!

Até amigos do governo, attonitos de tanta audacia e sem razão, inquiriam por que conveniencia politica se provocava a camara tão frequentemente? O marquez de Olinda declarava sem mysterio : « Precisamos provocal-os para esmagal-os.» Tal era a senha de então e tal era a confianca que lhe inspiravam as perversas intenções do imperador! E assim se fez...

Encerrado o parlamento, o monstruoso gabinete de 29 de Setembro, não estando ainda dissolvida a camara, fez a reacção mais audaciosa que se tinha visto.



O MASSACRE

O Sr. Euzebio, dizem nascido nas possessões portuguezas d'Africa, tão energumeno como o marquez de Olinda, sômente o mais limpo de mãos do gábinete, fez em sua pasta da justiça, escudado com a Lei de 3 de Dezembro de 1842, que prôvocára o protesto armado de Minas e S. Paulo, a mais tremenda reacção, aliás sem grande necessidade, pois ahi estava presidindo o gabinete o falsificador-mór das eleições, o inventor emerito desse processo largamente premiado !

Na pasta do imperio a mesma reacção em todas as provincias ; para Pernambuco, porém, foi escolhido a dedo um homem intelligente, mas sem imputação, um comilão e commensal das casas ricas do commercio do Rio de Janeiro.

Precisavam de um homem assim para ser instrumento inconsciente dos odios dos Cavalcantes ; familia aristocratica, e que nesse tempo

organisára em Pernambuco com a alliança dos portuguezes, já não digo o contrabando de escravos, que era um lugar commum, mas o outro-o aduaneiro, e consequente a delapidação das rendas publicas, como a unica politica da provincia, graças ao silencio da imprensa livre, ameaçada de morte pelo punhal e pelo bacamarte.

O Sr. Penna, assim se chamava o presidente, cumpro as ordens dos mandões á risca.

As nomeações feitas para os cargos policiaes recahiram nos conservadores mais perigosos, homens accusados até de verdadeiros morticínios; outros de *guardarem* em seus engenhos os escravos alheios!

A vida e a propriedade eram deste modo ameaçadas pelas autoridades publicas.

Já não para a defesa dos direitos politicos e das idéas de sua bandeira de partido, mas sim na propria defesa de seus bens e vidas, armaram-se os patriotas pernambucanos e puzeram em campo a revolução de 1848.

O governo prevenido pelo seu proprio plano preconcebido, de *esmagar a democracia*, na phrase do marquez de Olinda, já tinha de antemão nomeado commandante das armas o portuguez general José Joaquim Coe-

lho, mais tarde barão da Victoria, e para commandar a esquadra, (cerca de 12 navios), como o mais antigo o capitão de fragata Joaquim José Ignacio; e note-se que havia duas fragatas, a *Constituição* e a *Paraguassú*.

Attenda-se bem a este traço da politica do imperador.

Tinha aliás a marinha de guerra alguns chefes de divisão ou de esquadra provectoros e provados, taes como Parker, Mariath e outros: era, porém, preciso para o massacre dos pernambucanos, que ousavam fallar em nacionalismo, a nomeação de um filho de Portugal; e não era só este, todos os commandantes dos navios, que lá estavam ou foram depois para o bloqueio da provincia, eram portuguezes, á excepção de dous brasileiros, que por isso mesmo estacionavam nos extremos norte e sul da costa, o capitão de fragata Felipe José Ferreira e capitão-tenente Lourenço de Araujo Amazonas.

No bloqueio figuravam tambem dous navios de guerra portuguezes, o brigue *Douro* e o *Villa-Flor*.

Viviam se banqueteadando cordialmente os commandantes destes navios com os commandantes da pseudo esquadra brasileira, em casa dos ricos negociantes portuguezes do Recife;

a cada victoria do *governo* pelo interior da provincia, dava-se um banquete !

Refervia o champagne em casa do Gudinho Agostinho de Barros, ou em qualquer outra daquelles ricos luzitanos ; a esses banquetes assistiam sómente os commandantes dos navios do imperador e toda a officialidade de folga dos navios portuguezes, *que eram de casa* — a officialidade nacional, testemunha incommoda, não era convidada. Taes eram as expansões a que se entregavam os *NOSSOS irmãos*, pois taes festins tinham por fim honrar as duas marinhas que alli se achavam para suffocar em sangue as santas aspirações dos patriotas, tripudiando a *malanjada* sobre os brios da nobre capital de Pernambuco, soffreada pelas armas do Bragança.

Cobriam a provincia numerosas forças de mar e terra, sendo as que guarneciam a capital de imperiaes marinheiros desembarcados.

Logo depois das primeiras hostilidades, foi mudado o presidente Penna e empossado Manoel Vieira Tosta, depois visconde de Muritiba.

Mais um traço da politica desse imperador que estava na primavera da vida, quando os corações só têm sentimentos generosos e de um alevantado patriotismo : para terminar a guerra

dos Farrapos mandaram o barão de Caxias, como já tinham mandado para Minas e S. Paulo em 1842, militar brioso e digno, mas incapaz de massacres.

Em Minas o seu procedimento foi correcto e não consta um só facto de deshumanidade !

No Rio Grande do Sul, depois de duas ou tres batalhas com que venceu a legalidade, guardando as suas posições ganhas e resguardando assim o decoro do poder publico, solicitára e dera amnistia antecipada a 18 de Fevereiro de 1844, a qual só depois da deposição das armas em 1º de Março de 1845 foi proclamada com a paz !

Para a empreitada imperial de Pernambuco, além de José Joaquim Coelho, portuguez rancoroso, monarchista (quasi que é escusado accrescentar,) enviaram o bahiano Manoel Vieira Tosta com instrucções de esmagar a provincia a ferro e fogo !

Essa politica geographica e parcial para com as infelizes provincias do norte, exprimia o odio que o rei lhes votava pelas precedentes revoluções, todas ellas no sentido da emancipação completa do Brazil desse aviltante dominio dos portuguezes, causa occasional de todas as nossas perturbações na vida politica e social.

Não cabe neste trabalho acompanhar *pari passu* os sangrentos combates dessa luta homérica ! Imaginem, porém, meus concidadãos, que os *mulambos*, os *praieiros*, e todos quantos epithetos se costumam dar aos patriotas neste paiz avassallado pela monarchia de Bragança, tinham um exercito nunca maior de 2000 homens, mal armados e peor municia-dos, mal vestidos e nial alimentados ; bate-ram-se assim por espaço de oito mezes, sem medico, sem ambulancia (nesse tempo não se conhecia a *celebre* Cruz Vermelha), contra perto de 10.000 de tropas aguerridas.

Nunca esse nobre heroismo, durante essa luta, commovia o coração desse principe, tão chorado agora pelos cantores da monarchia a soldo da colonia portugueza; entretanto, em vez de manifestações equivocas e embuçadas, como fazem os restauradores de hoje, elles, os pernambucanos, batiam-se lealmente pelas santas reformas da carta outhorgada mediante uma constituinte :—pretendiam a extinção do conselho de Estado, a limitação da liberdade do commercio estrangeiro, liberdade de que se tinha abusado a ponto da exclusão absoluta dos brasileiros.

A resposta, porém, a essas santas e patrioticas

aspirações, levadas em parte ao parlamento pela democracia pernambucana, e ampliadas depois, como consequencia da luta, visto que o imperador as empurrára para a sorte das armas como já demonstrámos, foi o massacre que vamos descrever.

Sirva isto de resposta aos cavilhosos monarchistas, que, almejando a restauração, não se cançam de pedir pela sua imprensa e pelas armas um plebiscito. Prosigamos, porém, com a narrativa dos acontecimentos de Pernambuco.

Depois de varios combates, os patriotas, fatigados por essa luta indecisa, resolveram atacar a capital. Dividiram suas forças em duas columnas, uma commandada pelo heróe pernambucano capitão de artilharia Pedro Ivo da Silveira, e outra pelo bravo Nunes Machado; as forças ao mando de Pedro Ivo, vindas do lado dos Afogados, tomaram as trincheiras guarnecidas por imperiaes marinheiros, levando-os de vencida, apoderando-se dos bairros de S. José e Santo Antonio, ao amanhecer do dia 2 de Fevereiro de 1849.

A columna, porém, commandada por Nunes Machado, viera por *Chora Meninos* da Boa Vista, enfrentando com o quartel do 2º de artilharia; no flanco, á esquerda, demorava o

palacio do bispo portuguez D. João da Purificação Marques Perdigão ; os criados do santo bispo, já se vê, eram todos portuguezes ; elles mesmos, armados ou franqueando a torre do palacio a um grupo de assassinos, emboscavam alli, aguardando o momento azado de matar Nunes Machado.

Protegia a columna dos patriotas um muro fronteiro ao quartel ; mas vendo Nunes Machado que a força do quartel desanimava e tambem que se estava a perder tempo com tiro-teio inutil, mandou arrombar o muro e á frente dos patriotas investio a escalada, quando uma descarga certa da torre, alvejando o heroe, prostrou-o sem vida !

Estava decapitada a revolução, estava cumprida a parte mais importante da empreitada do rei !

A columna retrocedeu, como era natural.

O bravo Pedro Ivo, manteve-se dentro da cidade até a tarde em renhido combate com as numerosas forças da guarnição; mas, chegando as 4 horas, o general José Joaquim Coelho, com um effectivo de 1800 homens, Pedro Ivo e Borges da Fonseca, cançados de esperar a columna de Nunes Machado, fizeram então sua retirada, vadeando um braço do rio Capiberibe,

mas com grandes perdas pela perseguição das tropas frescas recém-chegadas com o general Coelho.

Tinham-se improvisado hospitaes de sangue. Quem escreve estas linhas, ainda muito joven, viu recolher-se durante e depois da luta, que durou dez horas, muitos feridos do lado do governo, mas nenhum dos *mulambos*, como eram tratados os patriotas; entretanto foram recolhidos de 500 a 600 cadaveres retirados das ruas e das casas, o maior numero dos patriotas. Como se explica isto? E' facil a explicação!

Quando houve o grito de victoria pelas ruas, do lado do governo, os portuguezes abriram as portas das tavernas, e embriagando a marinhagem pediam o massacre dos feridos deixados no campo da luta; apontavam as casas onde se refugiaram outros, e assim, na noite de 2 de Fevereiro, o massacre foi geral: vivos ou feridos eram immolados á furia da lusa gente, o mesmo que fariam aqui se Custodio ou Saldanha vencesse; não eram então os patriotas irmãos como os soldados de Custodio e de Saldanha, que os *esfrias* portuguezes daqui viviam a dizer aos soldados da legalidade: «Vossês não querem comprehender que isto é uma guerra

de irmãos!» Hoje pedem simplesmente a morte dos patriotas a titulo de «jacobinos», estes grandes phariseus!

O que é verdade é que não precisamos dos conselhos dos portuguezes para cumprirmos com os nossos deveres de humanidade, tanto assim que, nesta luta recente, nenhum patriota se lembrou sequer de insultar os prisioneiros vencidos antes e depois do 13 de Março.

Voltemos, porém, á narração de que fomos desviados.

Não constou tambem que houvesse sequer um asylado a bordo dos dous vasos de guerra lusitanos!

E' que naquelle tempo não *palpitava a fibra sentimental e amiga do coração portuguez*, como agora na recente revolta, promovida por Custodio e Saldanha, para a restauração.

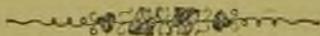
Mais tarde Pedro Ivo e outros, fiados na palavra do Paraná, presidente de Pernambuco, e José Bento, idem das Alagoas, entregaram-se a este ultimo, mas até hoje ninguem sabe o fim que levou o bravo Pedro Ivo.

Eis como succumbio ainda daquella vez o partido nacional.

Um sudario enorme foi lançado pelo piedoso

imperador por sobre a democracia brasileira !

Até mesmo naquellas provincias, que nem em espirito tinham acompanhado a sua nobre irmã—Pernambuco ! E' claro, pois, que o plano era aniquilar a democracia, em todos os angulos do Brazil, a pretexto de restabelecer a ordem em uma provincia.



Mano
quero isso?

A COMPRESSÃO

Depois do massacre era preciso a compressão ; duas presigangas foram atulhadas de recrutas, grande parte apontados como signatarios de uma petição dirigida ao parlamento pedindo o commercio a retalho, isto antes da luta armada ; muitos desses patriotas pagaram com a vida (em flagicios applicados a bordo dos pseudos navios de guerra nacionaes) a ousadia do exercicio do mais sagrado e elementar de todos os direitos dos povos, o de petição ! O desazado avô de Sua Magestade tinha prohibido por um decreto que os mulatos do Brazil exercessem o officio de ourives ; Sua Magestade, mais correcto e mais civillizado, aniquilou, de uma só vez, todas as artes liberaes exercidas por brazileiros, isto em nome da *ordem publica*.

Não ha espaço vasio neste mundo, diz a sciencia. Uns fuzilados outros mortos a golpes de chibata, e todos por diversos processos conhecidos, desapareceram os artistas naci-

onacs, agrupando-se em torno da monarchia os artistas portuguezes, este primor que ahi está, principalmente no Rio de Janeiro !

Victorioso o bragantino monarcha, alongou suas vistas pelo Brazil inteiro a ver si existia ainda de pé alguns pontos de apoio á democracia brazileira, e deparou com o padre representante da igreja catholica nacional !

Grandes queixas tinha Sua Magestade do conspicuo clero brazileiro, que figurára em todos os tempos defendendo a autonomia e as liberdades da patria ; os que tinham sido enforcados pelo seu augusto pai ou pelo seu augusto avô, pouco se lhes dava ; mas os exemplos são contagiosos, principalmente sendo ainda vivos o padre Feijó, conego Geraldo, o conego Marinho, este já muito manso, e alguns outros ; Sua Magestade, que nada esquecia, mandou a seu furibundo ministro Euzebio negociar (*negociar* é a palavra) uma concordata com a Santa Sé, afim de acabar com os conventos (tambem refugio dos padres seculares perseguidos) prohibindo-lhes o noviciado.

Os monges brazileiros estavam igualmente no *index* do rei, além do que fica dito, ensinaram de mais aos meninos e aos adultos ; quando el-rei limitára o ensino para o Brazil,

as primeiras letras apenas para o povo, e tambem o latim para os *nobres e bem nascidos*, os monges franqueavam suas bibliothecas aos padres seculares e a todos: dahi sahiram para a rua as *doutrinas subversivas*; além disso Fr. Caneca tinha-lhe posto sal na mo-leira na revolução de 1824!

Os vigarios e os conegos tinham-se mettido a proteger e a amparar com seu prestigio a democracia; era, pois, preciso acabar com esse *perigo publico*.

Sua Magestade tinha um meio: pela concordata exercia o rei o patriarchado no Brazil, questão de tempo e paciencia, e o aniquilamento do clero nacional seria como foi uma realidade.

O bispo Viçoso, nascido no Minho, é quem indicava a Sua Magestade os padres que estariam nas *cordas* do plano do rei para serem apresentados bispos á Santa Sé; era sabido por estes santos varões que Sua Magestade não collava mais nem um vigario nas dioceses.

Debalde queixavam-se os vigarios aos presidentes das provincias ou ao ministro da justiça, se o ministro levava a queixa ao imperador, ao patriarcha da igreja catholica, Sua Magestade que tinha uma *moral inatacavel*,

respondia : « Consta-me que este padre procria
—escandalo ! »

Não se fallava mais naquillo.

Assim conseguiu-se afrouxar as vocações, nenhum moço de talento mais procurou a vida ecclesiastica no Brazil; uns deixavam o ministerio de pastores, outros eram repellidos ou postos de lado pelos bispos de encomenda ; a campanha que se fazia parallelamente, pela imprensa já monopolisada pelos portuguezes, fizera cahir o clero nacional no maior desprezo publico, a ponto de, em certas ruas desta cidade, nenhum sacerdote nacional poder transitar envergando habitos talaes. Eram vaiados pelos caixeiros !

Um ministro ingenuo, não prevenido do plano de odio do imperador votado ao clero nacional, chegou a dizer :

« E' mais facil a um ministro de Estado nomear um conselheiro de fazenda, do que collar um vigario. »

Por outro lado, se dizia que o catholicismo não tinha patria, e assim Sua Magestade mandava vir da Europa esses *santos varões* que deveriam servir á igreja brazileira ; para Pernambuco dobrava-se a missão dos barbadinhos, afim de fazer a cathechese dos matutos, que se

riam convertidos á politica comopolita de Sua Magestade.

O obscurantismo dos sertões de Pernambuco recalcado nos moldes dos capuchinhos, teve um successo *brilhante*, conquistou a cidade!

O demonio da carne, vista através dos buzaquinhos dos véos de filó das senhoras, poderia tentar o homem, os capuchinhos fizeram queimar os véos.

Os lentes *ad rem* escolhidos pelo rei para a academia de direito só discutiram theologia e os estudantes, aproveitados discipulos, envergaram o balandrão da Senhora do Bom Conselho, cousa inaudita em estudantes, mas o grande rei conseguiu tudo isto!

Entretanto cá na côrte se dizia—*o frade fez o seu tempo*; mas a que vinha, além dos barbadinhos, o acolhimento de todas as congregações jesuitas que ahi estão a perverter o coração nacional? Não são ellas porventura outras tantas modalidades do frade? Mas é que são estrangeiros, eis a preferencia!

Afinal o rei tinha acertado com um gabinete que o entendia, o de 29 de Setembro, mas vendo que não seria mau sangrar tambem o cadaver da democracia, inventou a guerra do Rosas.

O Imperio acabava de esmagar a democracia em sangue, acabava de iniciar o processo de extinção do clero nacional, o seu ultimo ponto de apoio, era *logico*, fazendo-se paladino *das liberdades* do povo argentino, alliando-se ao caudilho Urquiza de Corrientes, tão cruel e mais obscuro que o Rosas. A contradição era manifesta, mas estavam fechadas as urnas ás manifestações da vontade nacional; e quanto á imprensa que havia naquelle tempo, era a mesma ou peor ainda do que a de hoje, toda ella monopolizada pelos portuguezes; ninguem, pois, notou a contradição da politica do rei! Ao contrario, merecia os aplausos do monopolio e da imprensa; uma guerra com os povos do Rio da Prata, de origem hespanhola, era duplo motivo de satisfação para a colonia portugueza, que escorava a monarchia de Bragança.

Por este modo saciavam elles, os portuguezes, os seus velhos odios contra os hespanhoes á custa da pelle dos igualmente odiados brasileiros, e por outro lado, o ensejo de se fazer mais um emprestimo á Inglaterra, o qual seria consumido em grande parte pelo syndicato luso brasileiro, que dispunha do poder, *era ouro sobre azul*.

Isso quanto á colonia e o seu syndicato ; quanto, porém, ao rei, os motivos da satisfação eram estes e tambem outros.

Uma guerra naquellas circumstancias isolava ainda mais o povo brasileiro do *meio* americano, que professava a fôrma de governo republicano. Que sagacidade a do rei e de sua colonia, tudo isto á custa do sangue e do sacrificio economico do pobre povo brasileiro!!!

Assim o gabinete de 29 de Setembro de 1848 nada esquecia, para a seu modo cimentar o throno dos Braganças ; e fez-se, pois, a guerra do Rosas que servio para barbarisar ainda mais o povo argentino com a victoria do caudilho Urquiza, alliado do imperador nesta jornada e commandante em chefe das forças imperiaes !

Ainda para cimentar o throno, o sempre lembrado gabinete de 29 de Setembro, afim de dar a maior expansão ao trafico dos africanos, já feito ás claras, mas que todavia era difficultado pelos cruzeiros inglezes, mandou vir de Pernambuco os *preciosos elementos* da marinha portugueza ao serviço do imperador do Brazil para serem utilizados aqui.

O pretexto era empregar a nossa pseudo marinha, auxiliando os cruzadores inglezes, na repressão do trafico, mas os navios do principe,

em vez de aprisionarem os barcos negreiros, simulavam que o faziam, comboiando entre tanto os taes barcos a porto seguro nas vistas dos cruzadores inglezes que, a principio enguliram a pilula. Esta *rapaziada do Porto* não fazia tal serviço sem recompensa; chegou o escandalo a ponto de serem tarifados os carregamentos dos barcos negreiros!

O 2.º reinado firmava-se nesse trafico infame que deveria aviltar o trabalho, deprimindo o povo brasileiro; não sei se por isto mesmo o gabinete 29 de Setembro foi o que mais durou no governo ao Sr. D. Pedro II.

Os portuguezes, enthusiasmados com a politica imperial, trataram de levantar uma estatua a Pedro I, a que está na praça Tiradentes. Era uma reivindicação, dizia o syndicato explorador, dos opprobrios lançados pela demagogia áquelle principe, que se dignara governar um povo de bugres e mestiços!

E para que ninguem se enganasse com as puras intenções do syndicato luso-brasileiro lá puzeram no embasamento da estatua a figura symbolica da patria brasileira—o indio!

Está, pois, a sagrada figura symbolica da patria, curvada, a olhar para a terra escrava,

acotovellando-se com a bicharia, a fauna nacional, tudo isto muito abaixo das patas do cavallo imperial.

Era o renascimento da instituição da escravidão, germinadora do sensualismo *neo-africano*, bestialisando os costumes, quem acabava de apagar quasi todos os sentimentos da dignidade nacional, tão alevantados no primeiro periodo rigencial!

Sómente um brasileiro protestou contra esse grande opprobio; esse mesmo a seu turno, mais tarde, atufou-se engolido pelo *meio* portuguez do Rio de Janeiro; este cidadão era o preclaro mineiro—Theophilo Ottoni! Mas volvendo ao nefasto gabinete de 19 de Setembro de 1848, achava-se elle fatigado com a tremenda reacção que tinha operado em todo imperio em tres annos e oito mezes, deixou pois, o poder a 11 de Maio de 1852 outro gabinete continuador da mesma politica, organizado pelo visconde de Itaborahy, que ia completar a obra de aniquilamento das aspirações nacionaes e de seus quasi extinctos elementos de acção—succedeu-lhe.

O credito nacional deveria tambem ficar centralisado nas mãos dos capitalistas portuguezes e alguns brasileiros adeptos da grei.

Assim o gabinete de 11 de Maio de 1852, presidido por Itaborahy, para completar a obra de aniquilamento do partido nacional, reorganizou o Banco do Brazil com caixas filiaes pelas provincias, era pois um banco do partido reaccionario e explorador, que necessariamente aniquilou, como de facto aniquilou a lavoura e o commercio dos adversarios. Tiveram de liquidar em face das hostilidades do grande instituto de credito do Rio de Janeiro, nominalmente nacional—todos os adversarios.

A CORRUPÇÃO POLITICA

O syndicato comopolita de posse da nação não se descuidou—dos seus adeptos; todos elles enriqueceram com as suas *economias* provinientes dos cargos de ministros de Estado.

Depois do massacre de Pernambuco, depois da compressão injustificavel em todos os anglos do imperio, aniquilando moral e materialmente as aspirações nacionaes. restava ainda a corrupção afim de extinguir essa corrente de opinião esmagada em 1848.

Tinham sacudido violentamente a arvore nacional, carregada de fructos primórosos, uns já sazoados pelo aureo periodo regencial, outros ainda verdes, que viriam completar a grande obra da fundação da patria brasileira, mas que lançados ao chão, foram pisados, afim de que não restasse a menor semente; tinham cortado o seu magestoso tronco cerce com a terra, cumpria extirpar até a ultima das raizes

para que não houvesse a possibilidade de um brote sequer!

Effectivamente nada mais fatal, mais perigoso, mais aniquilador para os destinos aventureiros de uma corrente de opinião democratica, do que as apostasias de seus apóstolos! A' compressão, e principalmente o massacre, atemorizam o povo, esmorecem os combatentes, os quaes emudecem em silencio, mas fica no coração a fé e a esperança, que pôde fecundar e renascer no animo dos crentes.

As apostasias, porém, das altas encarnações das idéas generosas destroem tudo, arrancando até as raizes mais profundas, da confiança politica de todos, matando a esperança.

Para essa politica nefasta foi chamado o marquez de Paraná recém-chegado do Rio da Prata, o qual organisou o gabinete de 6 de Setembro de 1853.

As individualidades mais proeminentes deste gabinete eram—Paraná e José Thomaz Nabuco de Araujo.

Foi tão grave esse desastroso periodo da nossa historia, o qual imprimio a feição invariavel de todo o reinado de D. Pedro II, que julgamos dever de consciencia dar toda a luz compativel com as dimensões deste opusculo, aos perfis

desses dous homens politicos, de modo que, a par da deformidade moral, vá a escusa possivel.

Paraná
O marquez de Paraná, formado em Coimbra, pertencia na universidade, segundo informações de collegas, ao grupo dos moços brasileiros que defendiam as idéas patrioticas; transportado, porém, para o Rio de Janeiro, esse homem de talento e de grande força de vontade, foi acolhido por um mineiro rico e usurario, ambicioso de grande fortuna, já submettido ao despotico commercio portuguez que naturalmente tudo dominava, independente mesmo do systema exclusivista, que mais tarde foi preciso adoptar afim de chegar á *perfeição actual!*

Por systema e por ambição! entendia o marquez de Paraná que só a fortuna resguardava os honiems publico de necessidades e dependencias, que frequentemente os fazem vergar nas altas posições a que são elevados pelo talento e pelo saber.

Como era pobre, a principio muito lhe custava a dobrar a cerviz perante esse *meio* portuguez a exemplo de seu amigo e protector, mas nenhum homem escapa aos conselhos de amigos e á influencia do *meio*.

Nunca, porém, o Paraná se sujeitou, a despeito desse plano de vida, ao humilhante papel de cortezão da colonia portugueza.

Altivo e com grandes qualidades de homem de governo, com uma vontade de ferro, elle mandava e era obedecido pelo syndicato de que era chefe supremo; libertou-se assim das necessidades que affligem e amesquinham o homem publico, mas escravizou-se sem o sentir, ao vicio de accumular fortuna.

Era, pois, o temperamento politico mais mercantil de seu tempo, filiado portanto ao cosmopolitismo por interesse proprio e por habito já adquirido.

José Thomaz Nabuco de Araujo, formado em Olinda, homem de character chão, de grande talento, passava por ter um fundo de bondade extrema, por vezes desmentida.

Colhido logo no começo da vida de magistrado e de politico por um meio ferozmente corrompido, o da provincia de Pernambuco, não pôde amadurecer o seu espirito com estudos fortes e systematisados da sciencia do direito, imprimindo ao seu character largo fundo de justiça; adaptou-se, pois, a esse mundo de fórmulas vãs e de subtilezas, que eram e são ainda hoje os recursos communs dos bachareis,

os quaes, não sabendo resolver os problemas sociologicos, apegam-se a uma metaphysica politica, servida por uma rhetorica brilhante, mandando as questões pela escolha de um processo que nunca chega a ser encontrado—um sceptico em politica, um verdadeiro homem talhado para o systema falso e ôco que estragou profundamente o Brazil!

Juntem ao perfil deste homem politico uma affabilidade innata sem cõstrangimento e uma attracção natural; todos, até os mais exigentes adversarios, sentiam-se bem em torno do ministro da justiça do gabinete de 6 de Setembro de 1853; e teremos o homem mais perigoso daquelle tempo.

Assim se completavam estes dous homens de Estado, um rabugento e imperioso, e o outro affavel e attrahente, com o fim sinistro da *decapitação* do partido nacional. Paraná fornecia os fundos ou os grandes empregos e Nabuco fazia a alta corretagem...

Na porta da barraca ou tenda armada, estava pendente uma *amostra do panno*, a figura esguia do ministro dos estrangeiros desse mesmo gabinete, um homem publico que poucos annos antes tinha sido deportado por essa mesma politica—do Rei!

Havia tambem um cartaz que a ninguem illudia—*politica de conciliação*—em vez de politica de corrupção. «O rei esfregava as mãos de contente!»

Tal era o fundo dessa politica desastrosa demolindo o character nacional, que ninguem se illudio com a primeira das apostasias incondicionaes, quando F. de Salles Torres Homem foi nomeado conselheiro de fazenda!

O Brazil já estava preparado, pela constituição physiologica da sociedade fluminense, para esse resultado; nenhuma individualidade por mais privilegiada que fosse o seu talento escaparia as pontas deste dilema: ou morrer á fome, ou submeter-se a politica anti-nacional do Sr. D. Pedro II; não tinha a quem recorrer, pois o commercio portuguez tinha as portas cerradas a todos que se lembrassem de fundar a patria brasileira sob as bases do patriotismo nacional, cousa em que nem era licito fallar.

Torres Homem era o maior talento de seu tempo—a 2.^a geração dos estadistas do Brazil; todos os systemas de governo lhes eram transparentes; por uma intuição admiravel, clara e criadora, conhecia a solução pratica de quasi todos os problemas, alguns dos quaes assoberbavam ainda hoje a nossa patria.

Ainda mesmo peado pela sua apostasia incondicional, são admiráveis as suas orações, uma referente á lei do sorteio e outra a emancipação dos escravos, tudo isto com uns tons patrióticos tão alevantados, que nos lembravam as clarividencias de uma grande alma decapitada pela vilania de um rei que não queria nada de grande em sua patria.

Entretanto tinha Torres Homem mais de uma falha em seu character: apavorou-se com as maldições interesseiras e crueis da *soberana colonia portugueza*, manifestadas pelos seus vassallos brazileiros na imprensa já monopolizada pelos portuguezes; não tinha a coragem de affrontar a miseria relativa que lhe era preparada pelos dominadores da terra, demais, era vaidoso até o ridiculo nos pequenos detalhes.

Assim o grande «Timandro» curvára-se respeitoso ante a imagem quasi grotesca do futuro visconde de Inhomirim!

A apostasia de Torres Homem emocionou de tal modo a sociedade fluminense, que D. Manoel accusou no senado as corrupções desse tempo; o Paraná, para cobrir a corôa, tomou a si habilmente as referencias de D. Manoel e desfiou o inventario de sua vida particular, quando não se tratava de si.

Das outras apostasias—do Fellipe Lopes Netto, Carvalho Moreira, e algumas outras, nem vale a pena fallar.

O rei e a sua colonia tinham nesse momento historico attingido a plenitude do seu indisputavel poder.

Sua Magestade não se cansava de despejar condecorações aos portuguezes, em recompensa dos serviços prestados ao Brazil ; o rei de Portugal ia muito além : condecorava e nobilitava os portuguezes do Brasil pelos serviços prestados á sua mãe-patria e aos brazileiros pelos serviços prestados a sua colonia no Brazil ; a colonia pois, esteve desde essa época até os dias da Republica sendo alvo da glorificação de duas testas coroadas !

O que diremos do povo do Rio de Janeiro quando o imperador era o primeiro a aviltar o character dos brazileiros, dando o exemplo de um respeito immerecido a colonia que o opprimia.

Aquelles mesmos dos brazileiros que notavam o fundo dessa politica anti-patriotica, contentavam-se em desabafar as suas coleras impotentes, declarando que tinham vergonha de ser brazileiros.

Quanto a colonia em sua insaciavel cobiça

de riquezas e de mandar, não era ella tola para deixar de tirar a maximo partido da indigna politica da monarchia de Bragança, cada vez mais apertava o seu circulo de ferro em torno da misera população brazileira, abandonada a todas as suas explorações.

A pretexto de calculados sentimentos de humanidade e de uma caridade duvidosa, e tambem de um patriotismo semi-selvagem que, emigrou em massa de Portugal para esta cidade, organisaram uma meia centena de sociedades *beneficentes e patrioticas*, que eram e são ainda hoje outros tantos nucleos de resistencia á concurrencia que porventura os deserdados brazileiros lhes queiram fazer aos seus indisputaveis monopolios.

Depois da Republica, estas sociedades foram convertidas em circulos politicos, com o duplo fim de conspirarem contra a fórma de governo, por todos os meios, principiando pela util e proveitosa pratica (para elles) de matar a fome ao povo, e acabando por subsidiar largamente a imprensa, que não queria a Republica, desviando a opinião. Parecia que era indestruivel esse systema de ferro, com as ultimas medidas adoptadas pelo marquez de Paraná; mas a providencia divina em sua infinita sabe-

doria havia de extrahir dessa obra maldita alguma cousa de bom para a civilisação de nossa patria ; é assim que nos annos de 1853 e 1854 a raça branca, na provincia de S. Paulo, na zona cafeeira de Minas e na provincia do Rio de Janeiro, esteve em risco de ser engolida pela raça negra, pelo que, fez-se a lei de *corta-cabeças*, uma emenda vergonhosa ao nosso codigo criminal, para conter os pobres escravizados !

Além disto tinha sido tamanha a importação de africanos da Costa d'África desde a *auspiciosa maioridade* de D. Pedro II até 1855, que os cruzadores inglezes, por ordem de *Christe*, ministro da Grã-Bretanha, incumbiram-se de aprisionar os navios negreiros onde quer que os encontrasse, e effectivamente alguns barcos negreiros foram queimados pelos inglezes debaixo de nossas baterias, em Santos.

Queixando-se o governo brasileiro ao ministro inglez, este declarou em resposta ao governo brasileiro que todos os simulacros de medidas das autoridades brasileiras, em relação ao trafico, eram antes para o desenvolverem do que para reprimil-o ; que, em vista de um proceder tão contrario aos tratados preexistentes, o almirantado inglez dera ordem para

que os seus cruzadores não tivessem mais contemplação, nem com os nossos navios de guerra, nem com as nossas fortalezas. Levámos, pois, em cheio a bofetada do John Bull, estivemos na emergencia de uma guerra, tudo isto para a colonia enriquecer.

Então lembraram-se que, deveria existir por ahi, uma cousa que se chamava povo brasileiro.

Estava eu em Pernambuco, oradores officiaes e officiosos fizeram prodigios de rhetorica, invocando a honra e o patriotismo nacional!

O syndicato luso-brazileiro arreventava de dinheiro, os exbulhados brazileiros viviam das migalhas dos opulentos da monarchia, mas, desde que se tratava da honra nacional (isso era comnosco), o povo brasileiro, a quem aliás tinham prohibido de fallar em patria, em nacionalidade, etc., etc., lá ia para frente; lá iam os *negros* desaffrontar os brancos do reino.

Fallecendo o marquez de Paraná, assumio a presidencia do conselho interinamente José Thomaz Nabuco de Araujo, mais tarde tomou a presidencia do conselho o Caxias, que foi especialmente chamado por causa do rompimento de relações com a Inglaterra.

Um traço ainda do acolhimento parcial, e da predilecção escandalosa do imperador pelos

portuguezes, a quem elle tinha *assignado* a posse do Brazil:

Euzebio de Queiroz, chefe de policia então, para o caso das satisfações que deveriam ser dadas á Inglaterra, confiando de mais nos seus serviços a monarchia luso-brazileira, tomou a si, reprimir por medidas energicas—o trafico africano em satisfação á Grã-Bretanha. Entre outras medidas, figurava a deportação do portuguez, commendador da ordem da Rosa, M. Pinto da Fonseca, e outros famigerados e audazes chefes do contrabando africano, todos portuguezes.

Sua Magestade autorisou as medidas em cumprimento dos tratados com a Inglaterra, mas queria que Euzebio trapaceasse, poupando o mais que pudesse os apaniguados filhos do reino, já condecorados *pelos serviços* ao contrabando (*só para inglez ver*); e como Euzebio se fizesse desentendido ou mesmo não o entendesse daquella vez, Sua Magestade, tomando por pretexto futilidades da vida intima daquelle homem de Estado, notavel, no ponto de vista de sua politica, pol-o a margem; lançou-o ao ostracismo para cumprimentar sua colonia !

Assim, pelo menos este, foi punido em vida

de tanto mal que anteriormente tinha feito á sua patria.

O Brazil estava, pois, atado de pés e mãos ao partido conservador, composto dos portuguezes do Rio de Janeiro e de outras cidades, os quaes dominavam tudo, até mesmo a lavoura, de quem aliás dependiam, e igualmente o limitadissimo commercio nacional o qual se submettia.

Em outro plano estava a grande lavoura, representada no sul pelo café e no norte pelo assucar. Além de ser radicalmente conservadora por causa do braço escravo, estava ella na dependencia immediata da colonia portugueza, não só pela natureza demorada de suas operações, como pelos habitos anti-economicos, desregrados mesmo, adquiridos fatalmente pelo regimen da escravidão; quizesse ou não, achava-se ella submettida ao plano cosmopolita do rei, pois pelo regimen bancario prestabelecido por Itaborahy, só com as firmas cadastradas pelos Bancos, e principalmente pelo grande instituto de credito nacional, o Banco do Brazil, é que poderia levantar capitaes.

Este regimen de ferro, creado por essa monarchia estrangeira, tinha matado todas as esperanças da democracia brasileira; entretanto

Sua Magestade era implacavel, entendia necessario recalcar esse systema. E Assim como as solevações graniticas por effeito das revoluções cosmicas precisam de tempo, do sol e das chuvas, para se solidificarem, assim tambem Sua Magestade entendeu que eram precisos—14 annos para crystallisar o seu systema, extinguindo absolutamente a democracia brazileira.

Para completar a obra de desconjuntamento nacional mandára Sua Magestade escrever a historia pelos monarchistas ou aulicos conservadores, falsificando-a portanto, principalmente no que diz respeito aos resumos e chronographias destinados ao ensino da infancia—o que é um horror de falsidades.

As revoluções no Brazil, segundo esses falsificadores da historia, não tiveram papel nenhum a representar, nenhuma influencia exerceram em nossa civilisação; na mente delles tudo que ahi existe é obra dos dous imperadores e de seus vassallos portuguezes. Mas, entretanto, a 300 annos que se conquistou esta terra, e ainda não existe povo brazileiro! Que miseria!

Eis a razão pela qual Sua Magestade pouco se importava, se o povo sabia ler, muito se preoccupava, porém, com aquillo que se ensinava; dahi as suas frequentes visitas ás escolas, inter-

rogando os meninos a ver se sorprendia os mestres no delicto de ensinar á infancia a historia verdadeira do Brazil!

Como prova do desprezo calculado em que Sua Magestade mantinha á instrucção do povo— as credices mais grosseiras, as idéas erroneas e absurdas, tinham livre curso na capital do imperio, principiando pela casa imperial. A quinta do imperador era onde se as cultivavam com esmero, pois alli se ia procurar, á troco de varias moedas.—*mandinga* para domar boi bravo, para cães de guarda igualmente bravios, para ligar conjuges desavindos por infidelidades suppostas ou verdadeiras, e tambem para desligal-os conforme o caso; para as donzellas que esperavam casar-se ou evitar fazer casamentos a contra gosto, etc, etc, e por ahi além...

Vejam os meus concidadãos o que é um povo pervertido por um despotismo hypocrita, esta educação que, no fundo exprimia uma maldade extrema, era attribuida á *complacente bondade do magnanimo coração do imperador!*

O povo cá de fóra, quasi todo alphabeto, (veja-se a estatistica de 1890—48 .1°—isso na capital), trilhava o mesmo caminho; um exemplo nos basta: *os capociras*, quasi todos

manchados com o sangue de seus irmãos, devido a rivalidades pueris de freguezias, acreditavam a despeito dos horrores que praticavam, na protecção de S. Francisco de Paula, ao qual elegeram seu padroeiro (!); isso perdurou até a queda da monarchia, infiltrando-se essa educação barbara até na marinhagem dos navios de guerra, e parece que ainda hoje perdura como uma antiga belleza da monarchia.

Sua Magestade atravessava a existencia depois da reconciliação com a Inglaterra, fonte de todos os nossos emprestimos; o que em synthese vinha a ser a politica economica do imperio, em plena paz de espirito, Sua Magestade era o maior dos justos do novo e velho mundo!

Para quebrar a monotonia de seu viver, mudava de vez em quando os seus ministros, que no fundo exprimiam — uma e a mesma cousa; assim é, que o gabinete presidido pelo Caxias era mudado, e chamado a 4 de Maio de 1857 o marquez de Olinda, entrando para esse gabinete B. de Souza Franco, liberal e orador de grande folego mas que se occupava unicamente com a politica financeira do imperio, cuja descentralisação o preoccupou toda sua vida. Pensava elle que, rompendo a cadeia de ferro dos conservadores por esse anel, tinha feito o

O padroeiro
do espirito
S. Francisco de Paula

maior serviço á sua patria, mas lutou contra o impossivel, pois ahi estava o *meio* portuguez do Rio de Janeiro, que ainda hoje domina o credito nacional, fazendo este—o cambio para todos os actuaes Estados, subindo, ou arrastando em sua quéda as outras praças do Brazil que, vivem presas ás especulações do Rio de Janeiro, a despeito de sua solvabilidade que, deveria manter-se pela balança commercial.

Assim, pois, todos os esforços do talentoso Souza Franco quebraram-se pela resistencia dos institutos de credito—o Banco do Brazil, presidido pelo visconde de Itaborahy, corripheu da colonia, e tambem de outros institutos. Cedendo o gabinete o poder e subindo outro, presidido pelo visconde de Abaeté, a 12 de Dezembro de 1858, o qual por sua vez cedeu o poder a 10 de Agosto de 1859 ao presidido por Angelo M. da Silva Ferraz.

Empossado esse gabinete, Sua Magestade foi visitar as provincias do norte, ia ver de perto o effeito maravilhoso de sua politica de devastação nacional !

Effectivamente Sua Magestade ficou satisfeito da submissão daquelle povo, inclusive-mente o de Pernambuco, de quem lhe diziam maravilhas de insoburdinação altiva. Notou

igualmente grande decadencia material e o maior atrazo nos costumes publicos, capacitando-se então dos grandes *resultados de sua politica religiosa e civil*.

Entretanto Sua Magestade, servindo-se de sua hypocrisia, adoptou uma fórmula que deveria comvir perpetuamente á sua *politica conservadora*, até então praticada, dizia Sua Magestade com a maior candura deste mundo: Para os nortistas tudo, para o norte nada, é perder dinheiro do Estado.

Ainda neste ponto servio-se a Divina Providencia de tirar partido dessa grande maldade intencional!

A minha pequena provincia, Alagoas, participava da campanha de diffamação, qualificando-se o seu clima de inhospito, o seu solo de quasi improductivo pelas sêccas, rasão pela qual se desviava dahi a emigração, etc., etc.; entretanto conta hoje na totalidade de seu povoamento com 535.000 almas de população homogenea sem mescla de estrangeiros, não tendo talvez mais de 1 ou 2 % de emigrantes que *fel citam* o sul. Devido aos cuidados do grande patriota Floriano Peixoto, verificou-se que na comarca da Viçosa, temos em certa quadra do anno uma temperatura de 12º centi-

grados acima de zero, tendo um trabalho livre melhor organizado do que o dos orgulhosos Estados do sul.

Fallemos ainda por momentos do passeio de Sua Magestade ás provincias do norte.

Com a chegada do imperador a Pernambuco saccionando com sua presença a politica selvagem do partido conservador, não obstante, desenvolveu-se uma atmosphera de adulação insupportavel: os espiritos mais cultos e equilibrados sentiam-se impotentes para arcar com a onda que dominava as multidões; o povo já amoldado, pelos tortuosos processos de que já fallámos, a essa politica do imperador, que ha oito annos o tinha esmagado, volvia ainda assim, todas as suas esperanças para o autor unico de suas desgraças.

*Via a quem
a quem*

Obliterou-se absolutamente o senso commum daquelles mesmos que foram as victimas de semelhante politica; entenderam que o principe podia e queria cicatrizar todas as chagas abertas pelas suas régias mãos, cho-viam as petições mais absurdas e tolas: uns pediam reparação de demandas perdidas, devido a uma magistratura ignorante e partidaria, outros solicitavam pensões por terem perdido—o pai, ou o parente, assassinado na guerra civil

de 1848; outros reparação de roubo de escravos, ou de terras pelos mandões, e por ahi além ! O que só vinha pôr em evidencia o obscurantismo e atrazo em que cahira uma das provincias mais bem orientadas e patrioticas do Brazil, antes do massacre de 1848.

O rei ia representando—sua comedia como podia: recebia as petições e passava-as ao então ministro do imperio, Almeida Pereira, que o acompanhou na excursão, e o ministro entregava ao presidente da provincia que os archivava.

No enxurro da miseria daquelle povo iam tambem muitas mulheres ; os seios offegantes, os olhos esgasiados, a correr pelas ruas disputavam um lugar, prelibando o deslumbramento que iriam soffrer com a vista de um rei vivo, tangivel, apoiado nas proprias pernas, a andar como os outros mortaes. Entretanto Sua Magestade tinha se humanizado de mais, vestia apenas uma sobrecasaca preta e trazia á cabeça uma cartola de 40 centimetros de altura ; o grande rei parecia às multidões um rei vulgar : muitas mulheres, depois de vel-o, zombavam delle ; preferiam ver um *princez* coberto de ouro e pedrarias do que aquelle Bragança, que aliás encheu o mundo com a sua fama. Effeitos da ignorancia.

A noticia das entusiasticas recepções, chegou logo ao Rio de Janeiro, e aqui eram pontuadas com os commentarios mais lisongeiros; a colonia victoriosa em toda a linha, visto que a politica cosmopolita do rei recebia a sagração das multidões, das *irrequietas provincias do norte*, crescia todos os dias em orgulho e audacia, como veremos mais tarde.

Sua Magestade, de volta da excursão ao norte, *curou todas as chagas que ainda gottejavam sangue, despejando um alqueire de condecorações* por sobre gregos e troyanos; o presidente do gabinete--o Ferraz, em resposta a alguns reparos que a proposito lhe fizeram no senado, *declarou que aquillo era a melhor moeda da monarchia!*

Entretanto o que se apurava de tudo isto, é que Sua Magestade não tinha mais nem leve sombra de razão para continuar a perseguir tão cruelmente o confiante povo brasileiro, o qual ingenuamente acabava de appellar para elle. Se por um lado era impossivel disfarçar por mais tempo esse despotismo hypocrita e sombrio, que se decorava com o pomposo nome de monarchia representativa, por outro lado a sua obra de miseria publica, que tocava as raias da mendicidade, organizada mais tarde como insti-

tuição nacional, demonstrava ao príncipe *que seu imperio estava feito*; nem a menor duvida existia sobre o exito de seu plano tenebroso preconcebido em 1848!

Vamos, porém, ver de que modo preparou Sua Magestade a ascensão dos chamados progressistas, sómente com o fim de mascarar o seu systema.

As nações modernas empregam todos os seus esforços para se povoarem com a immigração de raças civilisadas e fortes, nisto repousa a sua futura grandeza; mas, na offerta aos immigrantes de terras gratis para trabalharem e de outras vantagens que elles não obteriam de sua mãe-patria, vai igualmente a troco desses beneficios a exigencia da gratidão correspondente, que se traduz pela opção do titulo de cidadão da hospitaleira nação que os recebeu e os dotou com a somma de taes beneficios; ainda assim reservando sempre para os nacionaes um certo numero de privilegios que os ponha em plano superior á immigração estrangeira, sem o que a opção não se realiza, não sendo nunca absorvida e assimilada a massa immigratoria.

Assim tem procedido a grande União Americana que nos fica ao norte, e com tal cuidado e firmeza, através de todos os partidos, que hoje

a sua constituição social representa uma nacionalidade de vistas patrióticas, em sua avultadíssima população, em grande parte oriunda do estrangeiro.

Esse *desideratum* tem ella conseguido com o instrumento legal, que, resguardando os naturaes do paiz, põe o estrangeiro na contingencia de procurar o titulo de cidadão americano ou de permanecer em um plano inferior na luta pela vida.

O imperador do Brazil, porém, ao contrario de todos os governos das jovens nações americanas, perseguia a população, sobrecarregada de facto e de direito com todos os onus inherentes ao titulo de cidadão brasileiro, sem vantagens correspondentes; finalmente, Sua Magestade nunca quiz fundar a patria brasileira, pois se o principe nascera aqui, a monarchia era estrangeira. Os factos se encarregaram de demonstrar.

Assim o imperador, de volta de seu passeio ao norte, observando a passividade, senão o entusiasmo bestial do povo pelo seu tyranno hypocrita, tratou de desfechar o ultimo golpe á fibratura nacional, esbofeteando — esse jogral coroadado — a nação, — cadaver, decretando as opprobriosas convenções consulares!

O gabinete dos pagodeiros, dos *lundús*

da Bahia e das encenações, é quem rompia a marcha com a convenção consular celebrada com o meticoloso imperio de Napoleão III, e publicada por decreto n. 2787 de 26 de Abril de 1861, pois já havia sido despedido esse ministerio das viagens imperiaes, sendo succedido pelo de 2 de Março de 1861, presidido pelo Caxias, succedendo a este gabinete o de 24 de Maio de 1862, presidido por Zacharias que fôra designado chefe do futuro partido liberal; ministerio que durou apenas seis dias, tal era o *religioso respeito que tinha Sua Magestade ás maiorias da camara dos deputados!*

Então, como Sua Magestade estava decidido a improvisar um partido liberal qualquer, afim de recommençar a comedia do governo parlamentar, por irrisão chamou os seus co-réos do governo de 19 de Setembro de 1848, que massacraram a democracia em Pernambuco, iniciando os 14 annos das *vaccas gordas*: foi, pois entregue o poder ao marquez de Olinda. O alchimista-mór ia verificar o que havia restado da decomposição, depois dessa jornada de 14 annos, nas orientadas aspirações nacionalistas de 1848.

Fallaremos depois das manobras politicas do

*convenção
Diferença*

marquez de Olinda ; Tornemos, porém, antes de tudo, ao fio de nossas observações acerca das convenções consulares que este gabinete celebrou com a Suissa, com a Italia, com a Hespanha, com Portugal e com a Grã-Bretanha, sendo a da Suissa por decreto n. 2955 de 24 de Julho de 1862, a da Italia por decreto n. 3085 de 28 de Abril de 1863, a da Hespanha por decreto n. 3136 de 31 de Julho de 1863, a de Portugal, a mais escandalosamente antinacional de todas ellas, principalmente pela irrisoria reciprocidade de vistas e interesses, invocadas entre o reino de Portugal e a nação brasileira—por decreto n. 3145 de 27 de Agosto de 1863 ; a da Grã-Bretanha por decreto n. 5533, a dos Paizes Baixos — até os Paizes Baixos!—por decreto n. 7459 de 30 de Agosto de 1879, a da Allemanha por decreto n. 8616 de 15 de Julho de 1882, e a da Belgica por decreto n. 9023 de 29 de Setembro de 1883 !

A convenção consular celebrada entre o Brazil e o Paraguay, unico paiz (note-se bem) da America com o qual temos convenção, foi suggerida pelo Brazil-depois da guerra com o Paraguay.

Um dos signaes mais evidentes da soberania territorial de uma nação consiste na applicação

ou administração da justiça territorial a todos, quer sejam estrangeiros, quer sejam nacionaes; abrir mão da administração da justiça, admitindo, ou tribunaes estrangeiros, ou a jurisdicção dos consules, é admittir a violação explícita da soberania territorial!

O principio da reciprocidade é simplesmente irrisorio, como já dissemos, principalmente no que diz respeito a Portugal e á França, pois a população brasileira residente nestes dous paizes é limitadissima e por via de regra abastada; nenhum burguez brasileiro de mediana fortuna irá viver em Paris ou em Lisboa.

Não soffre comparação, pois, com os naturaes desses dous paizes nem na qualidade dos individuos, e tão pouco na desproporcional quantidade que vem ao Brazil definitivamente explorar o paiz e portanto fazer fortuna, estabelecendo residencia.

Bem pouco se importam as duas nações da velha Europa que os filhos dos brasileiros que lá nascerem accidentalmente fiquem a fazer concorrência á sobeja população que lá tem; deixem lá o dinheiro, é o que mais importa.

Entretanto a elles — paizes da Europa — muito convem que os nascituros no Brazil, filhos dos europeus, continuem sob a jurisdicção

consular, pelo menos até a maioridade, só quando o consulado tem de prestar contas ao nascituro !

Quasi todas estas convenções foram denunciadas, como, por exemplo, a de Portugal, que só o foi pelas queixas dos portuguezes aqui residentes, sem o que Sua Magestade jamais consentiria em semelhante denuncia, pois, como se está vendo, a politica do principe tinha por directriz aporuguezar o Brazil.

Além do que, a despeito desse empenho do imperador manifestado durante seu reinado, nem todos os brasileiros perderam ou embotaram a fibra nacional e o patriotismo cultural, herança da familia brasileira. E' assim que o ministro do gabinete de 3 de Julho de 1882, o laborioso e digno deputado então por Alagoas, Lourenço de Albuquerque, observando e estudando os graves abusos praticados pelo consulado geral de Portugal em relação principalmente aos infelizes orphãos brasileiros filhos de portuguezes, denunciou as convenções portuguezas (eram algumas) em nota de 21 de Maio de 1883.

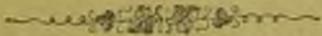
Sua Magestade cedeu com pezar, lamentando em seu coração que um ministro novel, e tambem os queixosos portuguezes, por inte-

resses de pouca monta, fornecessem pretexto á destruição da perversora politica do marquez de Olinda, a qual com mais alguns retoques seria o instrumento legal mais aperfeiçoado da europificação do Brazil !

Avaliem por ahí os meus concidadãos do patriotismo deste rei, tão lamentado hoje pelos restauradores confessos e não confessos da monarchia.

Quanto a esta convenção, a de Portugal, posso affirmal-o, foi ella denunciada por iniciativa do ministro Lourenço de Albuquerque ; quanto ás outras, porém, o foram por suggestões patrioticas do muito digno mestre de diplomacia — o visconde de Cabo-Frio, o qual, digamos de passagem, nos tem poupado, um sem numero de baixezas internacionaes.

Fechemos, porém, essa pagina de vilezas para reatarmos o fio do estudo da politica interna do ministerio dos *velhos*, assim chamado o gabinete de 30 de Maio de 1862.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORIGENES LESSA»

Tombo N.º
MUSEU LITERARIO

A CONFUSÃO

O ministerio de 30 de Maio de 1862 era assim organizado :

O proprio marquez de Olinda, presidente do conselho, visconde de Maranguape, marquez de Abrantes, Polydoro da F. Q. Jordão, visconde de Albuquerque e João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu.

Este gabinete foi modificado em 1863 com a entrada de Bellergarde para a agricultura.

Este ministerio dos *velhos*, pois, composto quasi todo de antigas alfaias do paço, conselheiros de Estado e senadores, vinha pôr cobro á camara, dividida a meio, não pela quantidade de deputados liberaes, mas pela coalisção parlamentar de um bom numero de conservadores que se haviam ligado aos poucos liberaes eleitos para esta camara ; além de que a terra estava maninha, a 14 annos que verdadeiramente não produzia um só fructo indigena, e, pois, só o *forceps* imperial podia arrancar este mesmo

fructo pêco da terceira *geração do liberalismo*.

O gabinete de 30 de Maio de 1862, depois de preparar a sementeira, dissolveu a camara de 18 a 12 de Março de 1863, nove dias depois de reunida (!) e convocou outra para 1º de Janeiro de 1864, a qual se chamou— *Camara liberal da nova situação*.

Logo nos primeiros dias de Janeiro de 1864 todos comprehenderam que a camara estava desnorteada; não viram estes homens liberaes que a situação que surgia pelo favor do rei e amparada pelos velhos conservadores não podia jamais reatar o fio das idéas corporificadas pelo alevantado espirito patriótico de 1831, esmagados depois pela monarchia desde a maioridade.

Ninguem se entendia, os novos chefes vindos dos conservadores queriam a direcção dos liberaes, que, diziam elles, lhes cabia de direito, e senão estava ahí o rei para decidir a querella.

Demais, esta camara não representava nem as necessidades do paiz, e tão pouco correspondia ao ideal da patria e da familia brasileira; ninguem sabia nada, a litteratura politica tinha sido abandonada completamente, os mais exigentes pretendiam restabelecer a carta rasgada

em 48, com a reforma da lei de 3 de Janeiro de 1842; esqueceram ou fingiram esquecer que o *meio* social havia de influir poderosamente nas aspirações nacionaes : ninguem se atrevia a volver ao passado, além de que a camara era composta de bachareis em direito, os quaes não exprimem a representação genuína das necessidades em globò de uma nação.

Segundo as opiniões dos homens da sciencia os bachareis em direito são classificados na escala da independencia social como uma das classes mais dependentes, isso em these; em hypothese, porém isto é, em referencia ao Brazil e ao momento historico a que nos referimos, era ella a mais dependente de todas as classes.

Entalada entre a clientella quasi toda portugueza, ou estrangeiros de outras nacionalidades, e os juizes rancorosos e partidarios, os advogados, os pobres moços bachareis em direito tinham necessidade de transigir a cada momento, não podiam lançar mão da advocacia administrativa, hoje com fóros de cidade!

Em uma palavra, naquelle tempo a advocacia não era *extensiva* como depois da escola creada pelo Ruy Barbosa, que fez com que ella fosse industrial, politica, commercial, administrativa e até *judiciaria* (!), esta para os

poucos bachareis que ainda têm. . . consciencia.

Ainda bem que sua Ex. se declara ultimamente não republicano, mas simplesmente um explorador da Republica.

Ora, os bachareis dizem á puridade que o seu papel é de apaziguador do genero humano, requerendo e fazendo vingar o direito de cada um; mas o abuso dos bachareis, e melhor direi das multiplas aptidões que elles se attribuem, os leva a embrulhar toda a sociedade para terem o direito de viver.

Deus me livre de condemnar em absoluto a sciencia do direito; o que já condemno é o plano de ensino a que já alludi quando tratei da constituição de 1824 e tambem o parlamentarismo que entregou aos bachareis a causa nacional, convertendo-os em administradores de todas as pastas, inclusivamente aquellas que requeriam estudos technicos, taes como a da marinha, a da guerra, a da viação, etc, etc.

Mas como o imperador não pretendia fundar a nação brasileira, nem a familia, nem a industria e nem cousa nenhuma, essa camara de 1864, pela confusão das idéas, era excellente para o plano de monarchia estrangeira que se queria radicar no Brazil !

Tal era a anarchia mental das idéas, o atrazo, e a desorientação dos chefes liberaes em luta com os designados conservadores, que nem uns nem outros tinham um ideal politico que os nobilitasse para preferencia da direcção mental do pseudo partido liberal.

Parecia que uma *avalanche* de gelo sotterando a nação, havia terrificado o cerebro nacional durante os 14 annos de crystallisação da politica do rei.

O Martinho Campos sonhava com o parlamentarismo inglez, trazendo o rei em perenne bloqueio, apoiado, porém, na aristocracia territorial, servida pelo escravo e amparada pelos capitaes de uma burguezia estrangeira; os liberaes de Minas pediam estradas de ferro, os de S. Paulo o mesmo, um grupo de diversas provincias a reforma da *excellente lei de 3 de Dezembro, para o poder*, outro a reforma ou extincção da guarda nacional e a reforma eleitoral, mas *censitaria e directa*!

Isso que se pedia, que era absurdo ou que exprimia simplesmente a desorientação singular das idéas que de plano figuravam no 1º periodo regencial, não era apoiado pelos dous grupos de chefes que disputavam o poder.

Estes (os historicos) diziam: «esperem pelo

poder e tenham confiança nos chefes»; outros diziam como o Sinimbù: «não assustemos o imperador com muitas reformas, estudemos apenas uma». Como se a fundação de uma nacionalidade pudesse ser feita com uns remendos mal ajustados a um systema manco e desacreditado!

Esta situação incomprehensivel, creada pelo marquez de Olinda como o primeiro alchimista imperial, tinha felizmente para mascarar a sua profunda inanidade a guerra do Paraguay diante de si.

Antes de tudo digamos os nomes dos chefes do partido que acabava de subir ao poder : dos historicos existiam — Ottoni, Saldanha Maranhão, Furtado, Souza Franco, Octaviano, Urbano Sabino, Luiz Antonio Barbosa de Almeida e outros.

Dous homens de valor existiam neste primeiro grupo de chefes, destinados a desaparecerem pelo machiavelismo imperial :—Souza Franco, nunca comprehendido pelos liberaes, e Octaviano, igualmente.

O primeiro combateu vigorosamente a centralisação economica até morrer ; sociologo e economista, elle sem dizer porque, combatia a monarchia lusitana, onde ella tinha a concen-

tração de sua força — no credito nacional, que repousava nas mãos dos portuguezes do Rio de Janeiro esse era e é o reducto inexpugnavel da monarchia de Bragança. De que valeram reformas mancas na politica ou na administração, quando o vicio profundo a combater estava na constituição physiologica dessa nossa organização economica pela invasão cosmopolita, que se renova e avigora a cada momento, atrophando e matando a originalidade e o patriotismo nacional ?!

O segundo, homem de letras, sagaz e pratico, mas de uma natureza debil, era improprio para as lutas acerbadas ; contentava-se em satyrisar esses fatuos que acreditavam no imperador e em retrahir-se.

E' assim que não aceitou o lugar de conselheiro de Estado, sem dizer pelo que e nem o de ministro de estrangeiros.

Todos os outros chefes eram homens desanimados e até certo ponto desmoralizados pela transacção que acabavam de aceitar do favor imperial.

O outro grupo, que se compunha de Nabuco (1), Zacarias, Saraiva, Paes Barreto, Paranaguá, marquez de Olinda, matriculados á ultima hora, Sinimbú, etc., etc., é quem deveria

assumir a direcção do tal partido *liberdadeiro*, como aconteceu.

Mas como a missão do capitão-mór Saraiva nos attrahira ás *hostilidades* em Montevidéo e á sua invasão sem declaração de guerra, e era preciso atirar sobre os liberaes historicos mais essa macula de desazo para o governo do Brazil, o grande rei chamou pois, o Furtado para organizar o governo de 31 de Agosto de 1864.

Este governo, depois de declarar a guerra ao Paraguay, consecuencia funesta da tortuosa politica da intervenção e das intrigas do imperador com os governos do Rio da Prata, cultivado do odio portuguez contra o hespanhol, retirou-se.

Este ministerio durou até a abertura da camara, sendo despedido a 12 de Maio e substituido pelo marquez de Olinda, que organisou um gabinete composto de conservadores da vespera, entrando apenas o Silveira Lobo e o Paula e Souza, acolytados pelo José Pedro Dias de Carvalho. Essa organização era tão fraca e pouco sympathica á camara, que foi necessario adiar esta ultima, por decreto de 8 de Julho, para 4 de Março do anno vindouro.

O cynico marquez de Olinda achava-se a seu gosto no papel de mystificador da nação

brazileira. Um grupo de deputados que desejava caminhar e justificar assim a sua presença no parlamento, dirigido por Tavares Bastos, arguiu o gabinete Olinda de nada fazer e de nada iniciar no sentido das reformas liberaes que assegurassem pelo menos um pouco de justiça ao bom povo brasileiro, e tambem alguma liberdade eleitoral em ordem a que a nação podesse ser representada.

Entretanto a maioria da camara, composta de bachareis dependentes do *meio* portuguez, sabendo que Sua Magestade não admittia a evocação do passado, vencido e esmagado definitivamente e para sempre—Sua Magestade, que tudo podia—e finalmente querendo estes apenas explorar o poder, prestavam o seu apoio incondicional ao gabinete, a pretexto de que em presença de uma guerra com o estrangeiro era falta de patriotismo fallar em reformas. Esta trapassa do velho estadista ganhou corpo com o auxilio hypocrita do velho *corvo da colonia*, que nesse tempo, mais do que hoje, monopolisava a imprensa do Rio de Janeiro; ora o *corvo*, tomando ares de patriota, fez côro com o governo, e embahio-se a opinião.

A despeito de tudo isto cahio o ministerio, porque os homens não se podiam entender, visto

figurarem a par de Silveira Lobo, Paula e Souza e Dias de Carvalho,—Nabuco, Ferraz, marquez de Olinda e Saraiva, todos estes muito conservadores.

Subio então ao poder o gabinete de 3 de Agosto de 1866, presidindo o conselho Zacharias, José Joaquim Fernandes Torres, J. Lustosa da C. Paranaguá, Martim F. Ribeiro de Andrada, Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, Affonso Celso de Assis Figueiredo, Angelo Muniz da Silva Ferraz e Manoel Pinto de Souza Dantas ; estava assentado de antemão que a politica do gabinete era só e unicamente a guerra do Paraguay.

Tambem o Zacharias não admittia outra cousa.

Muito autoritario e atrazadissimo, não admittia que se pensasse em irmãs de caridade, em jesuitas que infestavam o Brazil, em barbadinhos, nos commendadores e barões da colonia, e muito menos na baronisação da *honra nacional*, que augmentava a olhos vistos com os *donativos patrioticos* dos crioulos para a guerra do Paraguay; esta guerra de exterminio de uma nação americana, que Sua Magestade ajudára a armar, afim de cortar a retaguarda da Confederação Argentina, odio

esse que o imperio cultivou, como já dissemos, em satisfação á colonia portugueza.

Ainda assim o liberalismo do Sr. Zacharias era muito calvo, S. Ex. pois precisava de um engodo qualquer para alimentação dos *ingenuos* e tambem dos velhacos que fingiam sel-o, e com sua dialectica formidavel, S. Ex. creou duas *nugas* constitucionaes; ahí vão ellas :

« A responsabilidade dos ministros pelos actos do poder moderador a despeito do conselho de Estado — *o chapéo de sol da coróa* — em que S. Ex. não tocava, e como consequencia a outra *nuga* — o rei reina e não governa. »

Tinham sêde de *bolos aquelles novos criados de Gil-Blas!*

Estes eram os mottes obrigados de todos os grandes debates, como lhes chamava a *pendantocracia*, que ainda hoje pretende avassallar o congresso modesto, que em boa hora foi creado pela constituição republicana de 24 de Fevereiro de 1891.

No mais o Sr. Zacharias era um parlamentar correcto, e por assim dizer—o melhor official limador e polidor do systema; propunha-se S. Ex. a enfeitar a machina governamental com

todos os frisos dourados e possiveis arabescos, já que lhe faltavam *as leis de mechanica* para sua prestabilidade.

Sua Ex. não queria nada para si das quin-
quilharias monarchicas, o que elle chamava
—*fructos podres*, mas achava-as excellentes
para o systema, que adorava.

Precisamos referir dous factos caracteristicos
afim de lembrar aos leitores que o homem que
alardeava esta isenção de animo para com o
poder do rei, como dizia desassombradamente
no parlamento, inspirava-se todavia na politica
delle, até nos menores detalhes, subscrevendo
suas ordens.

Corria o anno de 1867 quando nesta capital
levantou-se um motim medonho, o maior que
se vira ha muito tempo.

O *Jornal do Commercio*, o grande corvo
da colonia, tinha grassado um romance de uma
moça presa em *carcere privado* e maltra-
tada pelos irmãos—Figueiredos, estabelecidos á
rua d'Alfandega com armazem de moveis,
isto sem a competente licença dos figurões da
colonia e sem ao menos estar apadrinhado com
um socio sequer portuguez.

As cousas estavam preparadas de tal arte que
o *sensivel* povo portuguez, por volta do meio

dia, ameaçava a vida dos dous cidadãos brasileiros; a multidão era enorme, e os *sensíveis* portuguezes queriam simplesmente *lynchar* os dois Figueiredos!!!

O chefe de policia, o Sr. Theodoro Machado F. Pereira da Silva, sabendo da furia dos portuguezes, foi pessoalmente acompanhado de um piquete de cavallaria prender os suppostos delinquentes com o fim de subtrahil-os ao *lynchamento* inevitavel, e mettendo-os em seu carro, disparou para a casa da policia, então á rua do Visconde do Rio Branco, isto debaixo de uma saraivada de pedras e de morras ao chefe de policia. O populacho amotinado, acompanhado de capoeiras a soldo de quem mais dava, engrossou o motim na praça do *Fundador*, hoje Tiradentes; descalçaram a praça e muniram-se de montanhas de pedras, preparando-se para atacar a casa da policia ao cahir da noite; a opposição (homens miseraveis que jogavam todas as armas contra os adversarios no poder, tal era a educação do imperio), sabendo que nesta cidade não existiam nem 500 homens de tropas regulares, do Club Fluminense instigavam o motim.

Das 9 para 10 horas da noite o governo, reunindo todas as forças de terra com alguns

navaes, atacou a praça a tiros de pistola e a arma branca, e dispersou os amotinadores, prendendo alguns; nesta mesma noite muitos portuguezes foram soltos sob fiança, e oito dias depois não existia nem um prisioneiro; nada se apurou deste medonho motim, pois, era elle promovido pelos portuguezes da rua da Alfandega, que não admittiam que dous brasileiros lhes fizessem concurrencia (!), sendo demittido o chefe de policia, o honrado Sr. Theodoro Machado, naturalmente por ter exposto a propria vida para salvar a dous brasileiros innocentes e briosos. E criminosos que fossem? Ainda mais, como satisfação á colonia estiveram presos muitos dias os Figueiredos; tiveram de fechar e liquidar a sua casa, que era o alvo em que atirava o *honrado* jornal, monopolista da imprensa! Tudo por inspiração do defensor perpetuo do Brazil, que por esse modo defendia a vida, a honra e a propriedade dos brasileiros! (*Vejam o reverso!*)

Por esse mesmo tempo o Dr. Borges da Fonseca, em Pernambuco, auxiliado por Affonso de Albuquerque e Thomé Madeira, entenderam que deviam fazer uma propaganda pacifica contra os monopolistas portuguezes, que, ao passo que os brasileiros estavam morrendo na guerra

do Paraguay, elles, os portuguezes, aproveitando-se da depreciação do nosso credito no exterior, encareciam até os generos nacionaes e de primeira necessidade, para engordarem á custa da fome dos brazileiros ; a noticia desses *meetings*, chegou a esta capital e o Sr. Zacharias, taes ordens deu para o Recife ao presidente da provincia e ao Sr. Pindabyba de Mattos, chefe de policia, que na primeira reunião convocada por Borges da Fonseca, postaram um batalhão de guardas nacionaes, aquartelados proximo ao lugar aprazado, sob o commando do capitão Porto — o nome é caracteristico.

Quando o Sr. Borges da Fonseca proferia as primeiras palavras da escada da calçada da matriz de S. José (era o lugar destinado), tocou a musica, e, como o Borges reclamasse, foi envolvido pela primeira companhia, que de sabre em punho espancou o orador até deitar sangue pela bocca, e assim espadeirado foi levado para a cadêa publica com os seus companheiros de *meeting*.

Era presidente da relação de Pernambuco o Sr. desembargador Paiva Teixeira, que, nem indeferia e nem despachava as petições de *habeas-corporis*, e, assim maltratado e deshumanamente medicado, o conservaram preso

sem nota de culpa, um cidadão maior de 60 annos, escriptor publico e de notavel talento, por ter fallado dos monopolios portuguezes, e tambem na necessidade de subtrahir legalmente o commercio a retalho das mãos desses crueis monopolistas.

Chegando, porém, o Sr. Silveira Lobo a Pernambuco como seu presidente, relaxaram a prisão do Borges da Fonseca, mas já tão tarde que morria tysico mezes depois, devido ao espadeiramento que lhe moêra os pulmões !

Que justiça a do grande patriota !

Isto mostra que os liberaes commandados pelo Sr. Zacharias aceitavam perfeitamente os factos consummados, e tambem o—mandão da terra — o *portuguez*, como elemento *conservador* da politica de europificação do Brazil para radicar aqui o throno dos Braganças.

Nem com tanta subserviencia, deixaram de ser apeados por imposição do Caxias, que lá do commando do exercito disse que lhe seria agradavel não terminar a guerra, sem que estivessem no poder os seus amigos conservadores, que deveriam enfeitar-se com os ultimos louros !

E' occasião de ponderar que, essas *donzellas da monarchia*, na phrase do eminente José

1. *Excerto*

Maria do Amaral, não sentiam naquelle tempo o horror que sentem hoje pelo militarismo, a ponto de militares, por occasião das festas chôchas da ultima victoria alcançada contra o Paraguay, isto é, o assassinato de Solano Lopes nas margens do Aquidaban, nome funesto ao Brazil, dispersarem a chicotadas os grupos de cidadãos que não victoriavam ao Caxias, e sómente a Osorio !

Só fazemos notar as violencias de então para mostrar as exagerações daquelles que hoje, muito de industria e cavillosamente, só fallam em militarismo da Republica.

2.

Quanto ao facto de não saudarem Caxias, era uma injustiça, visto que, além dos involvidáveis serviços que elle prestára na campanha do Paraguay, dera um bom exemplo de nobreza militar, pois, desbaratados os exercitos paraguayos e de posse da capital, a cidade de Assumpção, deu por terminada a guerra, não se querendo prestar á caçada do dictador Lopes, deixando essa triste gloria para o principe consorte, a quem passou o commando do nosso *exercito de occupação*, abrindo-se assim o precedente funesto de se exterminar uma nação para se matar um homem que offendera ao nosso imperial senhor !

Voltemos, porém, á situação liberal, que o rei despedia no momento em que estava tudo preparado para as ultimas operações de guerra contra o Paraguay.

Vejo neste acto do imperador, já não digo falta de patriotismo (palavra que foi proscripta durante o segundo reinado), mas, a revelação de uma grande ineptia da parte do rei.

Sua Magestade, despedindo o Zacharias, dissolvendo a camara e montando os conservadores, cometteu o maior erro de seu reinado.

Muito lhe tinha custado esse arranjo de simular o partido liberal absolutamente indispensavel á comedia do systema.

Este pobre partido tinha se exaurido com a guerra do Paraguay, perdendo quasi toda sua popularidade : nem sombra de uma reforma que ligasse o seu nome ao porvir, e nesta esperança tudo tinha feito pelo imperio e pelo rei.

Ora, é sabido que, por mais manca que fosse a reforma, ella satisfazia a essa aggremação, tão facil de contentar, comtanto que ella podesse affirmar por actos a sua passagem no poder.

As monarchias representativas vivem dessas pequenas cousas, desses nada, precisam, pois,

dessas fantasmagorias de partidos, que tomem as responsabilidades de suas asneiras.

Mas, dir-me-hão, e a imposição do Caxias? A imposição do Caxias, Sua Magestade poderia conjurar se fosse menos rei e mais politico.

Descesse dos seus tamancos, e mandasse um homem de sua confiança, como portador de duas linhas, ao Rio da Prata:

« Sr. Luiz — Ouça este homem e ataque... »

O mensageiro de Sua Magestade, naturalmente diria ao Caxias, que seus serviços eram tidos na maior conta por Sua Magestade, que de volta da guerra elle mesmo, Caxias, iria para o poder, mas que seria uma enorme ingratidão despedir os liberaes naquelle momento, que elle bem sabia quanto tinha custado ao rei arranjar essa comedia liberal, para mascarar o seu absolutismo.

O Caxias, homem de bom senso e dedicado ao rei, infallivelmente obedeceria.

Isto, porém, não estava no temperamento politico de Sua Magestade; preferio submeter-se, para mais tarde usar de perfidia com os conservadores.

Vejamos, porém, as consequencias dessa politica tortuosa.

E' sabido que esta organização ministerial

exprimiam um supremo esforço dos conservadores afim de reconstruir o seu partido, desmantelado pelas intrigas do imperador, arrebatando-lhes os seus melhores chefes, para arranjar a geringonça liberal, e basta attender-se aos nomes dos personagens politicos para comprehender-se que era essa a intenção dos conservadores :

Visconde de Itaborahy, presidente do conselho ; Paulino José Soares de Souza, José Martiniano de Alencar, José Maria da Silva Paranhos, barão de Cotegipe, visconde de Muritiba e Joaquim Antão F. Leão.

Entretanto, apesar dos creditos desses nomes para a politica imperial, seguida até então, o gabinete assumio o poder já com a macula de uma imposição da caudilhagem, macula vulgarizada propositalmente pelo imperador.

Demais, Sua Magestade nunca abandonou o seu pessimo systema de sacrificar as melhores combinações politicas a motivos pequeninos ou pessoases, que esterilisaram tanto o seu reinado.

José de Alencar, um dos melhores talentos daquella combinação ministerial, honestissimo e patriota, era por assim dizer o sangue novo e fecundo que ia se transfundir no velho orga-

nismo conservador ; por isso mesmo era cre-
dor do odio de Sua Magestade, que via nelle o
creador da litteratura cabocla, o conservador
que aspirava acclimar a monarchia pela fun-
dação da patria brazileira ; finalmente um ho-
mem perigoso ao systema diametralmente
opposto, do conservatorismo de conquista, adop-
tado invariavelmente através de duas gerações
de estadistas nos 30 annos de reinado (esta-
mos em 1870) por Sua Magestade.

Quanto á litteratura de José de Alencar,
figurava ella no *indice* do principe, pois no
seu contracto tacito com o reino *irmão* es-
tava comprehendida no conjuncto do mono-
polio portuguez, tambem a litteratura do reino;
fosse ella de boas letras ou letras de fancaria,
era o mesmo—aquí tinha o seu mercado.

Assim, na primeira occasião que se lhe offe-
recia, Jupiter desfechou o seu raio, deixando
de escolher senador pelo Ceará, José de Alen-
car, e rompendo com praticas até então esta-
belecidas.

Desautorado esse laborioso homem de letras
e fecundo politico, sahio do gabinete a 10 de
Janeiro de 1870, succedendo-o na pasta da
justiça um outro conservador, que curtirá uma
quarentena de 28 annos — o Nebias.

O homem de quem fallamos escrevêra uma carta a um amigo particular, externando conceitos desagradaveis á pessoa do principe, a qual foi sorprendida por este.

Fallemos agora das consequencias fataes á monarchia, oriundas desse abandono politico praticado pelo imperador contra os pobres *liberaes já mansos*.

Por occasião dos festejos celebrados depois da morte de Solano Lopes, foi Sua Magestade desacatado publicamente, pela primeira vez em seu longo reinado. Assomando a familia imperial á escadaria, do lado da frente, de um pavilhão erguido no campo de Sant'Anna, foi obrigada a descer pela do lado opposto, levada de rojo por um forte grupo de populares que a aguardava, tomando o coche imperial com difficuldade e pondo-se a pannos !

Disseram, na occasião, que aquelle facto que emocionou esta capital, era devido ao *estellionato politico*, como se chamou a despedida do poder dos que se intitulavam liberaes.

Nesse mesmo dia, e não sei se momentos depois, era alcançado em disparada, e desacatado em seu carro, o ministro barão de Muritiba, dizem que por militares que haviam sido victimas de suas injustiças.

Isso dá a medida da ausencia de ideal politico desses empreiteiros do poder, os quaes, cegos e furiosos pela perda momentanea das boas graças do principe, não se detinham na escolha dos meios de opposição, desmoralizando por esse modo, e sem o sentir, a monarchia que presentemente endeosam.

Tambem Sua Magestade em 30 annos de reinado não havia creado ainda militares de terra e mar para essas duas pastas technicas, de modo que durante a guerra do Paraguay eram ellas servidas por bachareis em direito !!!

O systema parlamentar ? !

As eleições foram feitas sempre ao sabor do governo do rei ; fizessem eleger tambem militares, rompendo com esse exclusivismo dos bachareis em direito !

Todos estes factos de uma certa gravidade ou, o que é peor, de symptomas gravissimos para a monarchia, aguaram muito as festas da morte de Solano Lopes, e se fosse hoje, o *Jornal do Commercio* e outros monarchistas os commentariam de um modo muito desfavoravel á Republica, fazendo baixar o cambio ; mas naquelle tempo nada transpirava, pois estava ahi a monarchia fiadora da conquista.

Outra consequencia do alludido erro proposital da politica do imperador, por isso mesmo que a organisação do partido liberal, ou cousa equivalente, era obra d'elle, e consequentemente artificial, sem a menor solidez, a dissolução da camara decretada a 18 de Julho de 1868 seria, como foi, o toque de debandada desse simulacro de partido, implicando tambem a do partido conservador pela simples razão de que um partido não vive, sem que outro se lhe anteponha.

Isso lisongeou a vaidade do imperador, que á força de ser lisongeadado, acabou na doce illusão de que era um grande estadista !

Por mais invejavel que pareça a certos adoradores da monarchia a posição que assumio o principe a partir de 1870, governando elle só com a responsabilidade de certos homens politicos, mas sem a responsabilidade dos partidos, o que é certo é que essa politica pessoal é quem apressou a destruição da monarchia no Brazil.

Dahi por diante os homens politicos dos dous antigos partidos representavam a comedia mais pandega do mundo no recinto das duas casas do parlamento ou na imprensa ; pareciam inimigos irreconciliaveis (para inglez ver) : na

intimidade da sala do café ou mesmo nas vo-
tações... de accôrdo perfeito ; Martinho Cam-
pos e Gaspar viviam na melhor harmonia de
vistas ; Dantas e Cotegipe — amigalhões.

Entretanto essas almas angelicas fingiam
uma briga douda, quando o rei lhes distribuia
um papel qualquer da sua grande comedia ; en-
tão lembravam-se de que tinham o rotulo falso
de conservador ou liberal ; rufavam as caixas de
seus partidos, convidando os antigos adeptos.
Nada mais facil de improvisar do que um par-
tido de opinião em um paiz como o nosso,
em que o imperador reservou aos brasileiros
— o emprego publico ou a farda policial,
em que as artes mecanicas liberaes, se ainda
existem, professadas por alguns brasileiros, é por
se terem refugiado nas repartições do Estado !

Não é porque os partidarios do cosmopoli-
tismo e do estrangeirismo *outrance* não te-
nham querido vender a nossa principal *ferro-
via* a quem mais der do estrangeiro, acabar
com os nossos arsenaes ou centralisal-os (plano
patriotico do Sr. Saraiva e *todos quantos
pés de lã* se imaginam), para nos trazer na
dependencia absoluta das forjas e estaleiros da
Europa. Pois se nós somos ainda hoje os *por-
tuguezes do occidente* !!

O que ha de reparar nisto ? !

Não, nós descendemos tambem dos portuguezes de antes de D. João V, antes de Maria louca, antes de D. João VI, o miseravel que não soube morrer á frente dos seus soldados na invasão franceza, como se fez em Saragosa, deixando Portugal entregue aos inglezes!!.

Entregue aos inglezes, sim !..

Mas deixando este incidente, precisamos concluir as observações que nos occorreram com a feição politica tomada no memoravel anno de 1870 pelo desastrado imperador.

Homens de verdadeiro talento patriotico, e de visão larga e clara, comprehenderam que este artefacto monstruoso chamado monarchia, sem papel na America, ia-se precipitar em breves annos no abysmo de seus proprios erros, e sem curar das difficuldades naturaes da campanha a fazer, e principalmente do custeio com um grande jornal de opinião, que tomasse posição francamente republicana na imprensa, monopolizada pelos exploradores portuguezes, graças á protecção escandalosa da monarchia, hastearam resolutamente a bandeira da democracia pura, publicando o grande manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

Este manifesto foi o maior beneficio para a

patria brasileira, pela nova orientação e direcção mental da democracia, vendida pelos seus homens e desviada de seus destinos civilisadores na America pela confusão proposital que o rei, com suas intrigas e sua corrupção, tinha conseguido implantar nos espiritos.

Deve-se este grande acontecimento politico ao talento ousado de Quintino Bocayuva, seu primeiro iniciador, e a todos aquelles que assignaram o manifesto, salvo os que ficaram a *meio caminho, arrependidos ou impacientes.*

Aquelles dos liberaes que já se tinham corrompido, e muitos outros que aprenderam a velha taboada da monarchia constitucional como a ultima palavra sobre... governos constituidos, riram-se de nós, complacientemente, presumindo que nunca passaríamos de um espantinho ao serviço delles.

O rei a seu turno atirava á sua patria e ao character geral de seus patricios essa ironia pungente, em presença da côrte portugueza :

« Com os republicanos do Brazil eu me sei entender ! »

Isso pouco antes de 15 de Novembro !

O QUE FOI A ABOLIÇÃO

A guerra do Paraguay, devida ás preocupações do imperador (se formos contestados discutiremos esse ponto), não nos trouxe só, um resultado pratico, trouxe-nos a triste realidade de gastarmos 600.000:000\$000 e perdermos 100.000 homens pouco mais ou menos, e como unica compensação verificarmos que tinhamos bons soldados, esses filhos do povo tão mal pagos e deprimidos pelo desdenhoso estrangeiro.

A guerra do Paraguay, por tantos observada e estudada em seus diferentes aspectos, foi uma obra de maldição !

E entretanto, desta mesma obra de maldição, a Providencia Divina extrahio algumas gottas crystallinas, de bem para a misera escravatura no Brazil !

Como se prolongasse bastante a luta e na razão inversa fosse decrescendo o entusiasmo do povo brasileiro em ir para uma guerra in-

terminavel, no momento mesmo em que eram dizimados os nossos soldados de mar e terra pelas epidemias que alli se desenvolveram, o governo Zacharias vio-se obrigado até a comprar escravos, libertando-os com a condição de irem preencher os claros das fileiras nas classes armadas. Triste condição de um governo que appella para o patriotismo de homens que só deviam á sua patria o seu miseravel estado servil!

Dura condição do escravo que em resgate de sua liberdade era preciso arriscar a vida em beneficio dessa desnaturada patria que o aviltára!

Mas o que havia de mais torpe neste estranho processo de recrutamento, o que revelava a depressão do senso moral de nossa sociedade civil e politica, que tocava e bestialisação dos costumes, foi o *patriotismo* vaidoso que se desenvolveu entre os fazendeiros, dando cada um delles um certo numero de crioulos, a pretexto de acudirem ás urgencias da guerra, mas na realidade a troco de titulos nobiliarios!

Sendo tudo isto discutido no parlamento. Os fanhosos deputados esmiuçaram essas misérias do imperio; a rhetorica indiscreta havia de se occupar de alguma cousa, aproveitou, pois, esse assumpto para dar largas á sua falta de senso commum e de pudor tambem!

O deputado, A. accusava o governo Zacharias de ter apenas dado o titulo de barão de Gereum Verde ao Sr. Dr. João Fagundes de tal, moço bem nascido, e que tinha dado para a *guerra da desaffronta dos brios nacionaes 15 escravos (!)*, quando era sabido que ao João da Encruzilhada, em iguaes circumstancias, a munificencia imperial tinha ido mais longe, dando-lhe o titulo de visconde!

Estas edificantes discussões do parlamento do rei correram mundo, e no Rio da Prata amigos e inimigos diziam, a proposito da chegada de recrutas— *Ahi vêm mais escravos do imperador!*

Era ferro em braza applicado ás faces dos nossos officiaes de mar e terra!

Imagem os leitores como não voltou indignada com a instituição da escravidão essa briosa mocidade?!

Engrossavam essa indisposição das classes armadas todos os homens de letras, que consideravam um crime não se tratar do problema.

A onda cada dia avolumava-se, e tinha já feito escarcéo na tribuna popular e parlamentar.

Demais, Sua Magestade era tambem solicitado no mesmo sentido pelos seus collegas, *sabios do mundo*, que diziam ter cahido por

toda parte semelhante instituição, sendo o Brazil a ultima excepção odiosa.

Sua Magestade reflectio e disse lá comsigo : Se a monarchia resistir obstinadamente, ainda assim, a abolição se fará um dia, levando, porém, diante de si a monarchia coberta de maldições. Mas se toma a iniciativa, posto que não isenta de perigos, a abolição se fará quando fôr opportuno, podendo até ser proveitosa á instituição monarchica.

Além de que, como já ponderámos, os partidos chamados constitucionaes estavam virtualmente dissolvidos ou em via disto : era, pois, escusado o principe querer furtar-se á responsabilidade da inercia ou da acção.

Não havia meio termo, era pegar ou largar...

Pensou ainda o rei : Em um paiz de analphabets, onde não existe patriotismo e nem sombra de opinião publica, não ha perigo em liberar o ventre e com uma dosimetria imperial, applicada lentamente, a emancipação durará uns 30 annos, tempo que poderei viver entre-tendo os meus macacos, ficando á minha filha a gloria da emancipação completa no começo de seu reinado.

Foi, pois, despedido o ultimo ministerio conservador e chamado o governo exdruxulo

do marquez de S. Vicente a 29 de Setembro de 1870.

Não vai nisto offensa a nenhum dos homens politicos do gabinete de 29 de Setembro de 1870 : é contar a historia como foi a historia.

Nenhum destes homens gozava da confiança do partido conservador, posto que a elle pertencessem, e mesmo o Sr. João Alfredo só a tinha nas provincias do norte.

O visconde de S. Vicente era respeitado como jurisconsulto, nunca como homem de partido; o visconde de Inhomirim a despeito de valer pelo seu talento e orientação por todos juntos, tambem não tinha partido, nem grupo.

Este gabinete tinha por missão duas cousas: — annunciar a dissolução dos partidos e tambem declarar ao paiz que Sua Magestade, como supremo e unico director da politica brazileira, resolvêra libertar *o ventre das escravas*; na falla ou programma de apresentação do gabinete imperial, o phonographo de Sua Magestade recitou este topico: « O paiz demanda sem duvida de algumas medidas ou reformas muito importantes.

« Espècialisarei as que se referem ao elemento servil e á melhor administração da justiça.

« A primeira exige uma solução prudente, providente, que procure compôr e harmonisar os valiosos interesses que neste assumpto estão incluídos, etc., etc. »

Tudo ficou gelado quando se calou o phonographo; mas o que haviam de fazer os conservadores, que eram os principaes cúmplices da politica de confusão e corrupção que se descarnava nesta ultima sortida? Calavam-se.

Chamo a attenção dos meus concidadãos para o espirito das leis decretadas por iniciativa deste gabinete, o que bem mostra a preocupação dos politicos, depois da dissolução dos partidos, isto é, engrossarem a caudal dos aduladores e palacianos!

Sua Magestade ia, pois, dando-se perfeitamente com a sua nova posição de chefe unico da politica do paiz. Esperem pelo resto.

Foi chamado para organizar o gabinete de 7 de Março de 1871 o visconde do Rio Branco, que ficou assim constituido: visconde do Rio Branco, João Alfredo Correia de Oliveira, visconde de Nictheroy (Sayão Lobato), Ribeiro da Luz, Junqueira e Theodoro Machado Freire Pereira da Silva.

Este gabinete recebêra as ordens de Sua Ma-

gestade para executar o programma do — ventre livre.

A camara conservadora (como era chamada) o recebeu igualmente mal, pelo que foi dissolvida a 22 de Maio de 1872.

Arranjado assim o gabinete, compromettia-se o Caxias pela manutenção da ordem publica.

Segundo as minhas reflexões anteriores, Sua Magestade fez votar a lei n. 1913 para que podesse sahir do imperio, deixando a princeza D. Isabel á testa do governo.

Mais tarde votava-se a lei n. 2033, reformando as justiças criminaes, mas com a expressa declaração do respectivo ministro da justiça de que aquillo não se entendia como concessão ao liberalismo na cansada questão da reforma da lei de 3 de Dezembro de 1842. Não.

Isso nunca. Pois que, havia de pensar esse bom povo que a monarcuia das outorgas tinha sido vencida depois de 30 annos por essa despotada e incolor democracia? Nada disto!

Para isso Sua Magestade escolhêra, para a grande reforma, assim mesmo manca e pifia, um ministro insuspeito de liberalismo — o Sr. Sayão Lobato!

Mas tratava-se de cousa mais séria, preten-

dia o gabinete libertar o ventre das escravas !

Essa campanha foi mais difficil.

Como já temos ponderado, o estado social do Brazil, creado e mantido com desvelo pela politica do imperador, era isto :

O commercio e toda a vida economica, o credito nacional e consequentemente o credito do Estado, entregue aos portuguezes, e a grande lavoura entregue aos barões assignalados; estes, como é natural, eram dependentes daquêlle.

O João Alfredo *poz a bom recato* o conselheiro Castilho, que se encarregou de defender a lei no *Alcorão* portuguez — o *Jornal do Commercio* !

Era um freio de ouro á dita colonia. Oh ! sem esses agachados do governo do Brazil nada se fazia !

Grossas sommas enguliram os dous socios : o *Jornal* nos entrelinhados e o dito Castilho que os escrevia.

Quanto á lavoura, resignou-se : e que remedio, se choviam os baronatos e as commendas ? Dos males o menor !

Afinal publicou-se a lei n. 2040 de 28 de Setembro de 1871, que se chamou aurea. e o era talvez no fundo ; mas na execução foi uma pagina de horror !

A princeza, colhendo os louros dessa victoria da monarchia, fez da regencia uma orchestra; só se fallava no Rio de Janeiro de trios, quintetos, tercetos, concertos, *matinéés* e *soirées*!

Os violinos trabalhavam dia e noite, e as linguas tambem!

Era a primeira pedra lançada ao magestoso edificio do terceiro reinado.

Em 1875, cansado Sua Magestade de correr o mundo e de visitar os seus collegas sabios, recebendo as congratulações pela sabedoria e tino com que *resolvêra o problema* da emancipação do ventre, voltou ao Rio e organisou o gabinete de 25 de Junho, presidido pelo duque de Caxias, gabinete que durou até 5 de Janeiro de 1878, quando organisou-se o gabinete Sinimbú sob a egide do marquez do Herval, que adquirira na guerra do Paraguay grande popularidade, que servira tambem de ambições do Gaspar, o qual sob as azas de Herval apoderou-se da provincia do Rio Grande, tornando-se um ingrato ostensivo logo depois, não só para Herval, como para todos os seus antigos amigos que o haviam endoado.

O seu orgulhoso desdem para com todos os

companheiros de governo, porém, o incompatibilisou com este gabinete, que vio-se obrigado a alijal-o do poder.

O primeiro attentado do governo Sinimbú foi a dissolução prévia da camara dos deputados por decreto n. 6880 de 11 de Abril de 1878, convocando-se outra para 15 de Dezembro do mesmo anno.

O Sinimbú não entendeu o rei no tocante á sua principal missão no poder.

Sua Magestade o incumbira de realizar a reforma processual da eleição, que tinha sido até então de dous grãos, para que fosse directa e de um só grão!

Como já disse no começo deste opusculo quando tratei das apregoadas liberdades da carta outorgada, *tinha-se decretado por aquelle modo a minoridade do povo brasileiro!*

Em todo caso, o povo votava com a eleição de dous grãos, mas com o *liberrimo* projecto do Sinimbú esbulhava-se o povo desse direito, restringia-se o mais possivel o censo eleitoral!

O presidente do conselho, que votava a maior veneração ao rei, e por isso mesmo não o suppondo capaz de uma perfidia, para com o povo

brazileiro e muito menos com os seus ministros, de accôrdo com Sua Magestade, na falla do throno que o principe recitou a 15 de Dezembro, fez inserir o seguinte periodo :

« Reconhecendo a necessidade de substituir o systema eleitoral vigente pelo de eleição directa, cumpre que, mediante *reforma constitucional, a decreteis, afim de que o concurso dos cidadãos devidamente habilitados a exercer tão importante direito*, contribua efficazmente para o resultado do systema representativo. » (Os griphos são nossos.)

Ahi estava o esbulho do povo brasileiro do direito de voto.

Ainda assim, quando se tratou de votar a resolução da assembléa geral prevenindo aos eleitores que munissem os deputados dos poderes constituintes para reformar a constituição, sendo o projecto levado ao senado, cahio por unanimidade de votos ! O imperador tinha uma influencia decisiva sobre grande parte dos individuos que compunham aquella corporação, sendo muito destes creados do paço e nada fazendo senão por inspiração do principe, foram os primeiros a votar contra a resolução ; ficou pois bem patente que Sua Magestade

não queria que se tocasse na sua carta de alforria!

Ora, admittamos que Sua Magestade estivesse em seu direito de oppor-se ás reformas constitucionaes, pois o grande *mollusco* precisava desse revestimento, tal qual seu pai lhe legára; mas não seria mais leal — Sua Magestade oppor-se desde logo á reforma constitucional em conferencia com os seus ministros, que naturalmente accederiam aos desejos do principe?

Mas, não. O Rei só tinha um empenho, era procrastinar todas as reformas, afim de que ellas só dessem afinal os resultados mais negativos, e por esse processo cançava os homens politicos, acabando por annullal-os; o que era o seu maior prazer! E' o que fez com a eleição directa, que, em vez de ser o suffragio generalisado que felizmente temos hoje, foi uma das leis mais conservadoras que tivemos durante o segundo reinado, mas, como fôra patrocinada pelo Sr. Saraiva passou a ser chamada — *lei liberal!*

Era mais um escarneo de Sua Magestade aos taes rotulos com que se decoravam os dous grupos de empreiteiros do poder.

Entretanto a propaganda republicana por um

lado e a abolicionista por outro, faziam progressos.

Sua Magestade nunca fôra abolicionista, era sómente emancipador ; pelo menos entendia que a abolição total se deveria realizar no começo do terceiro reinado. Ha porem cousas neste mundo tão monstruosas que não é licito total-as, o problema pois, precipitou-se, o que punha tonto o rei.

Além dos seus esforços, como temos visto, para dissolver os partidos convencionaes que possuíamos, a emancipação acabou por operar o seu aniquilamento ; assim é que Gaspar Martins, Paulino, Martinho de Campos, Sinimbu, pseudos adversarios politicos, viram-se obrigados a arrancar o rotulo de liberaes e entrar na conspiração do rei contra o Dantas, o qual apenas queria adiantar a abolição, emancipando os velhos escravos maiores de 60 annos.

Neste momento historico dissolveram-se todos os partidos, era impossivel dissimulal-o.

O grande palinuro deveria estar satisfeito por ter attingido a suprema realidade de seus sonhos — dirigir só, sem outra responsabilidade, as manobras e a rota do *grande couraçado* do Estado. Mas não estava !

O monstro marinho, o grande couraçado

governava mal, pois sua dupla couraça de aço, as suas enormes torres, os seus formidaveis canhões, finalmente, o seu maior peso e toda essa resistencia de inercia, estava acima da linha de fluctuação, o monstro, descompassado, arfava a custo ao embate de um mar grosso, inexoravel, e quando o vento refrescava e soprava rijo o mar á banda elle rolava, o grande palinuro chamava a postos todos os marinheiros de governo, homens praticos, é certo, mas dispensados de pensar a muitos annos pela céga confiança no mestre palinuro, obedeciam machinalmente á manobra, mas não eram homens de conselho ! Fatalidade !

Entretanto o grande couraçado fôra construido com todas as regras de *mecanica naval*, consultando-se todas as leis de equilibrio.

No costado fixo de madeiras de lei adoptava-se a boreste a formidavel couraça do commercio portuguez, e de tal arte recalcada a martello a vapor, que, segundo a opinião do ministro portuguez o Sr. Soares, se poderia transformar em caso de perigo, em muralha de bronze em torno da monarchia !

A bombordo igual couraça, tambem de aço, sem faltar um millimetro na espessura—era a grande lavoura—dos barões, e do *E. Prado*, o

que, pois impressionaria o grande palinuro que tão *acertadamente dirigira o couraçado* em mares bonançosos!

E' que o grande palinuro, perversamente, ineptamente, lançara aos mares do infortunio o lastro,—o povo brasileiro, e o inconsciente e ignorante mar o engolira. Com o povo, o exercito, tambem filho do povo (faminto e maltrapilho), ia ser lançado ao mar, e com o exercito aquella parte da marinha mais digna e mais intelligente, que se contentava com sua pobreza honrada.

De todo este enorme lastro só se excluíam os adoradores boçaes de D. Isabel, a Redemptora !!

Aluida, porém, a couraça de bombordo, o monstro adernou e sumio-se tambem no abysmo.

Mas, voltando á reforma eleitoral, fez afinal o Sr. Saraiva essa reforma ao sabor de Sua Magestade, manca e rachitica.

Uma reforma inconstitucional e censitaria; para isso os doutores da monarchia inventaram mais uma distincção, uma nuga constitucional, contanto que não houvesse constituinte, cousa de que Sua Magestade tinha horror, mais, houvesse o esbulho.

A distincção era a seguinte: o voto não era tal—*um direito do cidadão*, como muita gente pensava, era e passava a ser *uma função!*

E' bem achado, não acham? Pois batam palmas, foi o unico meio de *salvar a patria* a a contento do rei.

Entretanto eis tudo quanto fizeram os liberaes durante o segundo imperio. E fallam esses homens em monarchia!

Dissolvidos os partidos, cada um desses chefes licenciados, tratou de arranjar o seu grupo; um especie de coronel com o casco do batalhão...

Sem ideal nem objectivo politico, verdadeiros corrilhos, manobravam em torno do imperador afim de explorarem o poder.

As ambições augmentavam á medida que diminuiam ou se parcellavam os grupos dos *soldados*, os quaes, entendidos por sua vez, nas manobras dos chefes, alistavam-se ou abandonavam o acampamento, conforme era dado ou retirado o *pennacho* pelo imperador; verdadeiras andorinhas!

Quanto inconsciente, salvo as excepções, appareceu e figurou na politica, aspirou e obteve a posição de presidente do conselho de ministros!

Basta enumerar os gabinetes do ultimo decennio pelos seus respectivos presidentes de conselho e pelos papeis nullos que alguns representaram no poder, para se comprehender que a monarchia resvalava para o abysmo.

Aqui vão elles :

Presidente do conselho do gabinete de 28 de Março de 1880, José Antonio Saraiva; idem do gabinete de 21 de Janeiro de 1882, Martinho A. da Silva Campos; idem de 3 de Julho do mesmo anno, marquez de Paranaguá; idem de 24 de Maio de 1883, Lafayette Rodrigues Pereira; idem de 6 de Junho de 1884, M. P. de S. Dantas; idem de 6 de Maio de 1885, José Antonio Saraiva; idem de 20 de Agosto de 1885, barão de Cotegipe; idem de 10 de Março de 1888, João Alfredo Corrêa de Oliveira; idem de 7 de Junho de 1889, visconde de Ouro Preto.

Em nove annos nove ministerios. alguns dos quaes, nem disseram a que vinham ao poder !

O Dantas dispunha do maior grupo no seio desses retalhos de partidos, que ahi existiam, pelo que conspirou contra a organização que deveria ter lugar no gabinete de 21 de Janeiro de 1882, cabendo, devido a isso, ao Martinho Campos, essa *desarvorada* e ridicula organização.

Mas, a contra gosto do Dantas, organisava ainda assim gabinete a 3 de Julho de 1882—o marquez de Paranaguá.

O rei para ainda martyrisar o Dantas e vingar-se de suas vileidades de tentar resuscitar um partido liberal, conspirando no parlamento contra a sua politica pessoal, fez organisar o gabinete de 24 de Maio de 1883 --por Lafayette, um homem que só levava a poder—o proprio poder !

Além.... de seu nome de jurisconsulto.

A judiação com o Dantas, era já redicula, o rei pois, chamou-o para organisar o gabinete de 6 de Junho de 1884, mas com o proposito de o trahir de um modo cruel, pois o Dantas queria que os liberaes tomassem parte no problema da abolição dos escravos, o rei porém não o queria.

Já que nada tinham feito durante o segundo reinado, era preciso que lhes dessem ao menos uma *nesga da abolição*.? ! Sua Magestade porém no caso mesmo de ser indispensavel fazer a abolição antes do tempo de suas cogitações, não queria que se attribuisse esse facto a grupo, ou a partido algum politico, manobrava de modo que fosse empalmada a abolição pela princeza imperial — a Isabel, tendo como

instrumento os conservadores, os mais infensos a ella. Assim Sua Magestade inculcando hypocritamente com o Dantas, uma imparcialidade que elle nunca teve, fez mudar a *igrejinha* (Presidentes) que o Dantas montara á sorrelfa e com muito trabalho no ministerio amorpho e ronceiro do Sr. de Lafayette; e o resultado foi o — Dantas; feita a eleição depois da dissolução de 3 de Setembro de 1884, ser colhido por uma maioria de escravocratas na camara dos deputados! Apeado o Dantas porem foi ainda chamado (como um simulacro, de querencia, o Saraiva) o qual organisou o gabinete de 6 de Maio de 1885, deixando o poder em Agosto do mesmo anno, com o projecto da *liberdade dos velhos escravos, maiores de 60 annos, ainda na camara*, isto é a meio caminho, tomando o poder — o conservador barão de Cotegipe. (Veja-se programma ministerial recitado na camara á 20 de Agosto de 1885).

O barão de Cotegipe dissolveu tambem como o Dantas a camara a 26 de Setembro de 1885, que aliás tinha segundado as vistas do imperador, derribando a este.

Tudo isso, resultado, das cabriolas do rei e de sua politica pequenina, não admittindo —

nem sombra de imputação quanto mais de responsabilidade, nos homens publicos que deveriam, com elle governar o Brazil !

A nova camara, convocada a 3 de Maio de 1886, e o senado, approvaram o projecto Saraiva, regulando, ao que se dizia — a extincção gradual do elemento servil, lei n. 3270 de 28 de Setembro de 1885.

Sua Magestade depois dessa lei pensou que a libertação dos escravos maiores de 60 annos produzisse seus effectos, dando-lhe algum folego (pois sim) pelo que tomando nova licença pela lei n. 3318 de Junho de 1887, foi pela terceira vez, a caçada de sabios da Europa !

Entretanto, o Ministerio Cotegipe ficava a braços, lutando com tres questões: a questão militar, fructo ainda, da perversidade inipta do ministerio Lafayette; a propaganda republicana e finalmente o problema da abolição que avançava a passos largos, até o momento em que o ezodo dos escravos, poz em grave perigo a ordem publica, levando a abolição ao seu periodo mais agudo !

Nesse momento critico, o nobre exercito brasileiro em um documento respeitoso, por intermedio do general Deodoro, pedia ao governo que o poupasse do desgosto de fazer a caçada

dos escravos que tinham abandonado as fazendas, este documento foi devolvido com todas as cautellas; mas, se ficou sabendo que, de animo deliberado — o exercito não se prestava ao papel de *capitão do matto*.

O barão de Cotegipe passou então o poder ao João Alfredo Correia de Oliveira, que decretou de direito a abolição, a qual de facto já estava feita (vejam-se as sessões de 9 a 13 de Maio).

Entretanto a propaganda republicana agitava tambem o paiz; se o imperio suppunha ter resgatado esse seu grande crime, depois de meio seculo de escravidão, ainda assim ahi estavam de pé todos os outros crimes.

Não tinha fundado nem a patria brasileira, nem a familia, nem a ordem nem a liberdade legal, tinha deformado-a, Sim!

O primeiro signal de uma civilização qualquer, se manifesta pela legislação patria.

Durante 50 annos de monarchia não se fez um codigo civil, pois o codigo civil conspirava contra o imperio que era a conquista portugueza, e com o Corpus Jurys nacional (se assim nos podemos exprimir) ter-se-ia extinto toda a legislação portugueza que ainda hoje nos rege, o que era fundar a patria.

Alguns attribuem a falta do código civil á desidia do velho Nabuco ; nunca pensei assim.

O finado Nabuco, tinha grandes serviços á corôa de Bragança, o seu temperamento não tinha-lhe dado para ajuntar dinheiro nas altas posições que occupára, estava pobre e atrazado, tomaram como pretexto o código civil para remunerar-o de qualquer modo. Eis tudo.

O velho Nabuco sabia bem que o imperador, a não ser o código civil do portuguez visconde de Seabra, nem lhe fallassem nisto. Sua Magestade considerou sempre o Brazil como uma parte integrante do reino de Portugal, quem se enganou ou se engana ainda com as decantadas manifestações patrioticas do imperador, é porque se quer enganar ou porque está a soldo dos portuguezes.

Entretanto o ideal de uma civilisação desde ás mais remotas, como —a Grecia, Roma, etc., até ás mais modernas, comessão pelas leis, fundando a patria e a familia.

Sua Magestade fez o contrario, principiou desfazendo o código do processo, o acto adicional, derogando ou deixando morrer á mingua de orçamento, as escolas primarias destinadas tambem aos filhos dos indios, na provincia de Minas e Chapecó !

Matou, até com o ridiculo, o *Juiz de paz*; a criação mais sensata e efficaz da autonomia do municipio, em compensação, deu liberdade ampla e absoluta, de commercio e de industria plena, ao estrangeiro o que equivalia a perpetuidade dos portuguezes monopolizando o commercio e a industria, o credito nacional e tudo, pois tudo depende do credito nacional.

Fez o *codigo commercial*. Não esqueçamos a auctoria—José Clemente—*tambem liberrimo* como tudo que servio para matar a fundação da patria brazileira, e dar vida aos portuguezes.

Effectivamente o codigo commercial, em sua parte penal é um *monumento de liberdade, indiscreta ou perversa*, pois entrega aos credores a sorte dos negociantes, nos crimes ou nas simples faltas, por acção ou por omissão,

Ora os credores, são por via de regra, em sua maioria, portuguezes, é pois o codigo commercial o instrumento legal mais perigoso nas mãos dos *nossos irmãos*.

Se aquelles dos brazileiros, que lhes fazem concurrencia são pessoas *humildes*, se se mostram *tolerantes* á ponto de se apadrinharem com um socio portuguez, e com os empregados dessa origem, então pôde ter esperanças

no *liberalismo do código de José Clemente*, se não, está perdido irremediavelmente. As liberalidades do rei iam a ponto de os estrangeiros, comprarem, possuírem, *tudo, mas mesmo tudo*, conservando-se estrangeiros, uma vida inteira!

A essas liberalidades cosmopolitas correspondiam a propaganda mais injusta contra o character e as aptidões dos brasileiros, para justificar a perseguição e a parcialidade com que eram estes tratados.

Isso quanto á patria. Quanto á familia viviamos aqui á matroca, entregue ás exigencias da igreja catholica privilegiada, e tal era o cuidado e desvello, que o governo do rei, o poder civil, empregava com relação á familia que, — 40 % dos naciurnos da cidade corrompidissima do Rio de Janeiro, são filhos espurios, o que quer dizer que mais de metade da população viril desta cidade, tem familia fundada *pela auctoridade* dos instinctos naturaes, ora, a familia é a cultura do homem, assim o diz o sociologo Raul Pompeia.

Eis a razão porque Sua Magestade tinha horror á estatística scientifica....

Mas, a invasão estrangeira prefere ter filhos espurios, pois se bem lhes parece, desherda-os,

ou deixa-lhes algumas migalhas, e levam a fortuna para sua patria ou deixam-a, *por patriotismo*, mas como patrimonio dos seus parentes no estrangeiros.

Assim, não ha paiz novo neste mundo que tenha attingido ao grão de corrupção que attingiu a capital do Sr. D. Pedro II.

Chegámos até ao *estabulo* das mulheres casadas, *ou de seus nomes*, pelo menos.

Nas liberdades tacitas do commercio estrangeiro figurava mais essa, de exclusiva exploração dos estrangeiros !.. .

Estavamos nesse pé, governado João Alfredo, e, como se dizia correr perigo a monarchia, os portuguezes e os inglezes, elevaram o cambio a 27, notando-se que o Brazil naquelle momento historico achava-se em peiores circumstancias do que está presentemente, a despeito da guerra restauradora que terminou o anno atrasado, e, que continua por outros processos....

Tinha-se dado a abolição, e a grande lavoura nem contava com a colheita por falta quasi absoluta de braços, nesse ponto todos os Estados melhoraram muito, graças tambem á regularidade das estações, mas principalmente devido a federação !

Entretanto as intrigas palacianas (!) deram por terra com o gabinete João Alfredo, sendo chamado o Sr. de Ouro Preto. Este senhor, com o seu atavismo monarchico, *escovou e espanou* um velho programma liberal, em que elle aliás nunca tinha fallado; cousas do papista Joaquim Nabuco!

Digamos de passagem: o Sr. de Ouro Preto occupara-se de preferencia em sua vida parlamentar de questões *economicas e sociaes*, raramente fallando em politica. Como quer que seja, o Sr. de Ouro Preto apresentou-se á camara dos deputados com um programma tão largo, que foi recebido ás gargalhadas!

Em todo o caso o programma, dizia o Sr. visconde, era para matar, aniquilar as aspirações republicanas; a questão de confiança, pois, foi posta aquelles termos.

Uma moção de desconfiança entretanto, apresentada pelo Sr. Gomes de Castro, hoje senador, cruel inimigo da Republica, é votada por mais de dous terços (sessão de 7 de Junho de 1889), repellindo o gabinete Ouro Preto.

O Sr. de Ouro Preto, dissolvendo a camara a 15 de Junho de 1889, convocou outra para

20 de Novembro do mesmo anno, mas já sem o programma, ou cousa semelhante.

O Sr. de Ouro Preto, em vez de revestir-se de calma, abordou os mesmos processos que tinham posto em causa a monarchia.

Lauçou um empréstimo de 100.000:000\$, que logo foi coberto (Pudera!... tratava-se da monarchia portugueza). O pretexto do empréstimo eram auxilios á lavoura, mas no fundo lá ia a corrupção eleitoral, o systema simultaneo de todo o reinado—a compressão e o dinheiro do thesouro. Deram ao Sr. de Ouro Preto quasi uma camara unanime, o Sr. Laet e o Sr. Prado Pimentel, duas creaturas indispensaveis ao monarchismo do Sr. de Ouro Preto, foram bisados por quatro districtos eleitoraes; além disto o Sr. de Ouro Preto declarava que não admittia na camara um só republicano, haviam de ser depurados!... Assim foi burlada a tal preconisada lei eleitoral—Saraiva.

Nunca se vio tanta actividade no governo, nada esquecia ao Sr. de Ouro Preto, as tarifas aduaneiras deveriam ser reformadas, o exercito deveria ser dissolvido. E tambem para que um exercito quando a monarchia se firmava nos fidelissimos portuguezes?

Finalmente, o plano vertiginoso do Sr. de Ouro Preto era soberbo; houve quem dissesse que as pessoas imperiaes amesquinhavam-se sempre que concorriam em publico com o Sr. de Ouro Preto, elevado á altura de pontífice da religião monarchica!

Entretanto o Sr. de Ouro Preto esqueceu-se de uma cousa, e é que o melhor sustentaculo das monarchias são os exercitos disciplinados, sim, mas bem pagos, vestidos e assejados. Não um exercito de maltrapilhos, famintos e desprezados, soldados, calumniados como eram os nossos.

Isso em um paiz tão rico que se davam aos sabios, que tiveram a fortuna de conversar com o Imperador, veneras cravejadas de grossos brilhantes, ao passo que os soldados esmolavam á noite, porque se envergonhavam de o fazer de dia, sendo qualificados de ladrões pelo *G. Orgão*.

Isso só lembrou ao Sr. de Ouro Preto e ultimamente ao Sr. Prudente de Moraes. Nesse ponto esses dous estadistas muito se approximam, com uma differença em favor do Sr. de Ouro Preto: e é que este *queimou-se* porque se suspeitava naquelle tempo do republicanismo do exercito, e hoje não se suspeita de seu monarchismo, ao que parece.

Fizeram, pois, o 15 de Novembro as classes armadas, e eram ellas e só ellas quem podiam e deviam fazel-o.

Creio que sem grande esforço duas cousas tenho provado: 1º. o nenhum patriotismo do chorado Imperador; 2º. que o advento da Republica não surpreendeu a ninguem, e, se alguem dormia, foi acordado pelo Sr. de Ouro Preto que tocou o alarma em todos os acampamentos! Vejo tambem no advento da Republica, com relação ao Imperador, mais de um facto de intervenção providencial.

Sua Magestade adoecêra tão gravemente na Europa que se alimentou durante dias com algumas gottas de cafeina.

Se era um *justo*, porque Deus não o deixou morrer naquella occasião em que a princeza Isabel estava *cercada da maior popularidade*, e certamente seria acclamada imperatriz do Brazil etc., etc?.

Porque Deus permittio que esse moribundo se levantasse e viesse ao Brazil soffrer o opprobrio de ser expulso de seu throno com a sua dymnastia?!

Não seria porque Sua Magestade commettêra o crime de trahir a civilisação de sua patria, com a preocupação de radicar a monar-

chia á custa do aviltamento do povo brasileiro, de quem tanto abusou Sua Magestade, a ponto de passarmos por um povo frivolo, corrompido, ignorante e incapaz do menor commettimento?

Finalmente, uma nação amorpha, hybrida, vivendo das graças ou da misericordia da invasão portugueza!

Isto responde áquelles que dizem a cada canto que os homens de coração e de sincero patriotismo têm enfermado ou morrido, castigados pela Providencia, como cúmplices ou autores do banimento da monarchia no Brazil!

Pois sim.

Agora duas palavras ao Sr. Prudente de Moraes.

Está bem servido S. Ex. com o apoio á Republica dessas classes conservadoras, que apoiaram o imperio e ainda esperam viver com a restauração, pouco se lhe importando que continuemos a representar no seio da America o papel singularmente estúpido e nullo que nos fez representar a monarchia portugueza com o seu regimen colonial.

Já não me admiro desses famelicos insaciáveis, que armaram sua tenda de todos os *negocios* a titulo de advocacia.

O que me espanta é que productores de café finjam não sentir o tacão ferrado do portuguez e o chicote do inglez a pisar-lhes as faces, para fantasiarem vãos temores pela *intervenção e predomínio da America Inglesa!*

Esta boa e amiga nação, a qual, sómente, desta praça consome 70.000:000\$ de café annualmente, quasi outro tanto da praça de Santos, não fallando no assucar dos nossos Estados do norte, ao passo que a Inglaterra não consome nem a decima parte.

Essa boa e amiga nação, que ainda não conseguiu dos *nossos exportadores* liquidar, pagando-nos um enorme retorno em suas praças importadoras, de modo que até hoje a America Inglesa não figura nas tabellas de cambio da praça do Rio de Janeiro!

Onde maior humilhação?

Onde a intervenção da poderosa União Americana em nossa politica interna?

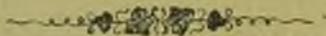
Será por ter sido a primeira nação do mundo civilisado que reconheceu a nossa independencia?

Será por não ter entrado no conluio europeu (incluindo a cossaca Republica Franceza), que aqui auxiliou o quanto pôde os syndicatos

restauradores formados em Paris e em Portugal?

Deve ser isso mesmo. A grande União é quem nos humilha no Amapá e na Trindade. Misérias dos opulentos fazendeiros de S. Paulo!...

E quem nos rouba com um cambio desgraçado quando as nossas circumstancias productoras são duas vezes melhores do que no momento de baquear a monarchia?!



CONCLUSÃO

Tanto no mundo moral como no physico a luta pela existencia é uma verdade verificada; assim as nações, como os individuos, as plantas, a fauna mariuima ou terrestre, os systemas de governo e suas fórmias, tudo emfim vive em luta perenne, e por vezes acerba, pela existencia.

Assim como no corpo humano o atrophiamiento de um orgão põe em maior actividade um ou mais orgãos, que, por uma lei natural, vão supprir a falta do atrophiado, conservando o funccionamento de todo o apparelho, assim tambem nas instituições a falta de um dos factores ao serviço de uma civilisação é sempre supprida pela maior actividade de um dos orgãos da vontade nacional, contanto que a lei do progresso humano seja cumprida.

Nas instituições, essas leis são quasi sempre applicaveis; por mais lento que seja o caminhar da victima, a sua victoria é quasi sempre

certa, e se o agente mais poderoso abusa da victima, reduzindo-a á ultima expressão de impotencia ou desanimo, ainda assim, pela lei da transformação, o vencido procura um órgão mais robusto e mais perfeito em fórma, e volta ao combate, sendo o vencedor na contenda final.

A democracia que, como já dissemos, não é precisamente a boçalidade, mas o espirito patriótico, creador, renovador e civilizador das nações; que, não tendo órgão orientado e perfeito na massa desnorteada propositalmente do povo, o brasileiro por exemplo, como as correntes igneas, subterraneas, havia de explodir fatalmente logo que deparasse com um órgão robusto que se prestasse á manifestação dessa necessidade.

A monarchia, que supprimira o patriotismo nacional e que fize-a do povo—pasto ás explorações portuguezas—pelo imperio, porém, das circumstancias, tinha de alienar as sympathias da grande lavoura, um dos seus maiores esteiros, ficando esse enorme aleijão da America—a monarchia—sem esta muleta.

Nestas circumstancias procurou o apoio do exercito para manter a ordem no caso de desordem.

Feita, porém, a abolição, com grande resistência da colonia portugueza, Sua Magestade, que muito se doía dos arrufos de sua predilecta colonia, entendeu desasadamente fazer as pazes com ella, sacrificando-lhe o exercito, objecto de odio della por estas e outras razões, e, como se fosse cousa imprestavel!

Entretanto a mocidade do exercito, aproveitando-se da *ociosa miseria* de sua classe e dessa paz podre de mais de vinte annos, tinha lido—Comte, Spencer, o grandé associonista, e outros grandes pensadores, pelo que era effectivamente a unica força viva da nação, mais orientada e a menos corrompida.

Imagine-se esse exercito de uma organização essencialmente democratica, pois os fidalgos da terra desprezaram sempre a farda. Depois de lerem os mestres de sociologia, como não ficariam envergonhados esses moços do papel ridiculo que os homens de sua classe haviam representado, elles, os chamados defensores da patria, da honra e do brio nacional?!

No entanto tinham sido até então inconscientemente instrumentos de uma politica de exploração e devastação moral e material de sua nacionalidade, pelo que comprehenderam que, com taes moldes cosmopolitas, era im-

possivel a civilisação de nossa patria; demais, era sabido que os sequazes da monarchia, adstrictos, senão vendidos aos portuguezes, queriam como o rei, dissolvendo o exercito, dar um desabafo á colonia.

Assim, pois, foram as idéas democraticas que apropriando-se desse orgão honesto, patriótico e intelligente do grande aparelho nacional, fizeram a revolução gloriosa de 15 de Novembro. Era então a democracia armada quem expellia do coração do continente americano a monarchia intrusa, que nunca comprehenderia os elevados destinos do povo brasileiro.

Gloria á parte do exercito e á parte da armada que souberam bem cumprir sua augusta missão nesse dia memoravel!

Levanta-se entretanto nesta infeliz quadra de reacção á Republica uma campanha perfida e insidiosa contra o glorioso exercito e a armada brasileira naquillo que elles têm de mais honesto, brioso, intelligente e patriótico, a pretexto de combater o militarismo; mas essa cavillosa campanha não se dirige áquelles que são monarchistas e tão pouco á parte da armada que fez a revolta de 6 de Setembro ou áquelles que a applaudiram mais ou menos pronunciadamente.

A contradicção neste ponto é escandalosa, e o governo actual não quer ter logica para se dar por apercebido.

E quaes são os perigos do militarismo da nossa patria?

Em um paiz vastissimo como o nosso, onde a maior parte da população é composta de lavradores e criadores, onde ella é avessa á vida militar. por tal forma que, difficilmente pôde-se preencher os claros dos corpos do exercito, como temer do militarismo, impossivel de expandir-se no Brazil?

Quaes são, apontem, os perigos por que tem passado a Republica por causa do exercito brasileiro?

Se apoiaram o glorioso marechal Floriano é porque elle tinha igualmente o apoio armado da nação; investido do poder legal, reconhecido por dous congressos que se succederam durante esse periodo, defendia com inexcedivel valor e patriotismo as instituições republicanas que as classes armadas, como o maior factor do momento historico, proclamaram a 15 de Novembro

O immortal Deodoro, tendo attentado contra a constituição, deu o maior exemplo de patriotismo, renunciando o poder desde que uma

parte da marinha e outra do exercito manifestaram-se pela constituição!

O marechal Floriano, prestigiado e forte pela assombrosa victoria do poder legal, entregou cordatamente e sem relutancia ao Sr. Prudente de Moraes o poder no dia designado pela constituição!

Onde, pois, esses exemplos de caudilhagem?!

Não! isto não passa de um insidioso pretexto afim de se perseguir e aniquilar ingratamente o exercito brasileiro, porque sabem que elle é a melhor garantia da Republica.

E', pois, um crime contra a nossa civilização que só pôde advir pela Republica, não deixar que o órgão mais honesto e mais perfeito do nosso apparelho nacional, immune em sua maior parte da corrupção geral que perturba incessantemente a Republica, funcione com certa actividade, pelo menos até que os outros órgãos sociaes, entrando nas funcções regulares, limpem-se, instruem-se e façam a sua educação republicana.

Ai da Republica se ainda por muito tempo lhes falta o patriotismo das classes armadas!

Pois, não obstante, essa monarchia anti-nacional, como o ultimo dos males, deixara após si um outro exercito de occupação, peor, muito

peior do que o exercito de occupação allemã na Alsacia e na Lorena—a colonia portugueza!

Essa colonia contumaz, teimosa, será refractaria á nossa civilisação, pondo em causa, necessariamente o seu predominio aviltante, resultado de seus monopólios, pois, essa colonia destruiu impunemente todas as nossas florestas, encravára todas as nossas minas, deturpára os nossos costumes, corrompéra o povo brasileiro, desorganisára o nosso trabalho, mercantilisára as funcções publicas, introduzindo o jogo e o mercantilismo em toda a vida social e politica da nação brasileira, organisando sómente a mendicidade, a fome e a corrupção, movida pelo odio á nação. A qual cometera o *crime* de se tornar independente da velha metropole!

De uma desmesurada ambição de fortuna, que nem ao menos servio ao velho e pobre Portugal, ! Essa colonia persiste em restaurar a monarchia!

Feita a Republica, o odio e a ambição recrudesceram de um modo espantoso, constituiram-se um perigo nacional, acercando-se dos elementos mais hostis dentro e fóra do Brazil, conspirando contra os brasileiros livres

e independentes, guerreando-os de morte, açulando, corrompendo e amparando com os seus indisputaveis monopolios os elementos subversivos e discordes no seio da Republica liberal e progressista que fundamos.

Cumpra, pois, aggremiar todos os brasileiros patriotas sem attenção ás suas procedencias e fundarmos o partido nacional, vigiar incessantemente os movimentos suspeitos ou cavilozos dessa colonia, a qual não trepida em tentar contra nossa independencia e soberania de nação emancipada, não se commovendo nem diante do heroismo convencido dessa mocidade republicana, nem tão pouco do sangue brasileiro já derramado até este momento historico, tudo isto devido a suas intrigas!

Cumpra constituir homogeneo e grande o partido nacional republicano, forte, energico e resolutivo, afim de sub netter a colonia portugueza pelo instrumento legal, cujos exemplos della vão servindo de padrões de desrespeito á nossa soberania territorial, e como consequencia decorrente á desmoralisação de todas as nossas leis por parte tambem das outras nações estrangeiras que colonizam ou não o nosso territorio.

Está ahi o ultimo exemplo funestissimo!

Um governo inepto e desasizado, instigado tambem pelo odio e pela inveja, entendeu que depois das indignas machinações e affrontas de que fomos victimas por parte da colonia portugueza e de seu governo, ser-lhe-hia licito continuar nessa politica de compadresco e de nimia tolerancia, para não dizer francamente traiçoeira e anti-patriotica do imperio, reatando de um modo ignobil as nossas relações com o reino de Portugal, o qual como *dono e consenhor*, desta pobre patria, tinha-se collocado com a sua costumada jactancia na dianteira do syndicato restaurador, formado pela Inglaterra, a Italia e até pela Republica Franceza.

O resultado foi que, depois dessa miseria de reatamento, a Inglaterra e a Franca encontraram aberta a cancella, por onde entraram os corsarios legaes da Grã-Bretanha e da França: —a Trindade e o Amapá!

Esse pretexto de potencia, que se chama Portugal, só tem nos servido, depois da estúpida doação que se fez do Brazil á casa de Bragança, para nos attrahir o desprezo e as explorações da Europa e o justo isolamento da politica defensiva da America.

Todós os esforços civilisadores que se patentearam com o advento da Republica para-

ERRATA

A urgencia com que foi elaborado e impresso este trabalho deu lugar a que sahisse completamente inçado de erros, já por descuido na cópia do original, já pela precipitada revisão: assim damos esta *errata*, não de todos os erros, o que seria quasi impossivel, mas apenas daquelles mais graves que de certo modo desnaturam a idéa ou affiam por demais a linguagem.

Os outros—pasteis—e erros cominhos deixamos a intelligencia do leitor corrigil-os e à sua benevolencia desculpá-os.

PAGS.	LINHAS	ERROS	CORRECCÕES
6	21	<i>ponhas tu</i>	<i>põe tu</i>
20	20	teve de vel-o	teve de vel-ã
21	6	1829	1827
26	6 a 8	ouvia as suas queixas e doia-se de sua miseria, sentindo que faltavam... se os abandonasse	ouviam se as suas queixas e doiam se de sua miseria, sentindo que faltariam... se o abandonassem
26	15 a 17	(além disto ainda em 1831 estava mesclado de portuguezes), manifestamente infenso á autonomia nacional, de pouca valia	(além disto ainda em 1831 estava mesclado de portuguezes, manifestamente infensos á autonomia nacional) de pouco valia
30	4	Era nestas	Foi nestas
33	16	por elles mesmos chefes	por aquelles mesmos chefes
45	15	o meio portuguez que, ainda	o meio portuguez que era, ainda
73	2	um brote sequer	um broto sequer
75	24	imprimindo	que imprimissem
78	9	apavorou se	apavorou se
43	4	Minas e S. Paulo; outro	Minas e S. Paulo e em outro
89	23	1 ou 2 % de emigrantes	1 ou 2 % desses emigrantes
91	11	que os archivava	que as archivava
98	14	cultural	cultural
113	24	entenderam que deviam	entendeu que devia
131	11	O visconde de S. Vicente	O marquez de S. Vicente
135	20	tambem de ambições	tambem ás ambições
144	9	só levava a poder	só levava ao poder
146	21	ezodo	exodo
147	18	legal, tinha deformado-a, sim!	legal: tinha-a deformado. isso sim!
148	20	comessão	começam
148	13	entegrante	integrante
148	24	derrogando	derogando
149	27	então pôde ter	então podem ter

